Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira **8.8.2024** / Diário / Ano 160.º / N.º 56 721 / **€ 1,50** / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

QUASE MEIO MILHAR DE PROFESSORES REFORMAM-SE EM SETEMBRO E PODEM DEIXAR MILHARES DE ALUNOS SEM AULAS

EDUCAÇÃO Desde 2012 já se aposentaram quase 23 mil docentes. Este ano já são 2755 os professores reformados e as previsões apontam para cerca de 5000 até ao final de 2024. Diretores temem dificuldades para substituir esses docentes, podendo deixar cerca de 30 mil alunos sem aulas. PÁG. 8

DOR SHAPIRA

EMBAIXADOR DE ISRAEL EM PORTUGAL

"Esta é uma guerra de um país democrático contra uma organização terrorista" PÁGS. 4-5

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT

PAULO GOMES

BARTENDER E COFUNDADOR DO RED FROG

"Se pudesse falar com um animal perguntaria aos Coalas se são mesmo felizes a não fazer nada" PÁG. 13

TIM WALZ

Como o vice de Kamala Harris olha para o mundo

PÁG. 17

KAMIL KRZACZYNSKI / AFP

DYSON ONTRAC Um som de qualidade superior numa enorme variedade de cores PÁGS. 28-29

Miguel Coelho

PRESIDENTE DA JUNTA DE FREG. SANTA MARIA MAIOR

"Se Pedro Nuno Santos se candidatar em Lisboa vence as eleições" PÁGS. 6-7

Economia

Milagre do emprego está a chegar ao fim e já atinge turismo, indústria e construção PÁG. 14

Energia

Os carros elétricos poupam o ambiente. Mas será que valem a pena? PÁGS.10-11

Paris2024

Pichardo na final do triplo com um salto e Pimenta e Portela nas meias da canoagem PÁG. 20

Editorial

Bruno Contreiras Mateus

Diretor interino do Diário de Notícias

Dois menos um é igual a dois (2-1=2)

O conceito de superprofessor é usado frequentemente, de modo simples, para descrever o educador que se destaca não só pela sua elevada competência educacional, mas também pela dedicação e impacto positivo na vida dos alunos, como fonte inspiradora e motivadora da aprendizagem em ambientes inclusivos, evolutivos e dinâmicos.

Neste ideal de excelência, sendo sempre bom recordar exemplos de Maria Montessori, que promoveu um ambiente de aprendizagem personalizado para incentivar a autonomia e a descoberta por parte do aluno, ou de Anne Sullivan, pela sua abordagem inovadora no ensino de pessoas com deficiência, o Ministério da Educação hoje tem a obrigação de pôr travão ao desgaste profissional, à limitação de recursos e à burocratização do ensino. Estes são os grandes limitadores.

Um professor precisa de tempo de trabalho para estabelecer relações positivas, de confiança, que sejam motivadoras e inclusivas. Não é parte do tempo letivo, é sim tempo de dedicação, de reflexão, de autoavaliação do educador. É parte integrante das suas funções, isso é inequívoco. Por isso, faz parte de um horário de trabalho preparatório, que carece também de investimento no desenvolvimento profissional, através de ações de formação, do enriquecimento curricular. Faz parte deste tempo estudar novas metodologias de ensino, novas abordagens, que usem, por exemplo, novas tecnologias, que sejam mais interativas, que acompanhem os interesses dos alunos – isto porque os alunos de hoje não são os mesmo de há cinco, dez, 15 anos, muita coisa mudou na sociedade e a escola tem de saber refletir isso na dinâmica diária de aprendizagem e de contacto com as crianças e adolescentes.

Superprofessor não é o educador que acumula mais horas de aulas.

O ministro da tutela, Fernando Alexandre, enviou às escolas um guião de apoio à organização do novo ano letivo. Há uma prioridade óbvia: evitar que os alunos fiquem longos períodos sem aulas numa determinada disciplina (os chamados furos). Havendo um objetivo legítimo, é preciso refletir sobre o meio para o alcançar. Diz o Ministério da Educação que as escolas devem planear as turmas com professores em "suplência", ou seja, que tenham no seu horário uma turma extra, que terão de lecionar caso sejam chamados a substituir um colega.

Pode até resolver, mas o perigo aqui será não se entender a importância do superprofessor na sociedade, na preparação de futuras gerações, dos valores que lhes são transmitidos e nas limitações que lhes são impostas. Poderíamos sempre argumentar que é pior ficar sem aulas, e por isso devemos dar-nos por felizes com uma meia-solução, com o resultado de uma conta de matemática de *dois menos um é igual a dois (2-1=2)*; um racional de que se subtrairmos um professor num conjunto de dois, teremos sempre dois.

> **Poderíamos sempre argumentar que é pior ficar sem aulas, e por isso devemos dar-nos por felizes com uma meia-solução, com o resultado de uma conta de matemática de *dois menos um é igual a dois (2-1=2)*; um racional de que se subtrairmos um professor num conjunto de dois, teremos sempre dois."**

OS NÚMEROS DO DIA

6000

PESSOAS
A Ucrânia ordenou a retirada de cerca de 6000 pessoas de zonas fronteiriças perto da região russa de Kursk, alvo de uma incursão ucraniana.

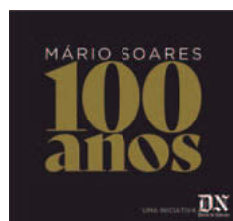
1

MILHÃO
O Tribunal Administrativo de Círculo de Lisboa decidiu aplicar à autarquia lisboeta uma multa de cerca de um milhão de euros (1 027 500) pela partilha de dados de ativistas russos presentes numa manifestação em frente à embaixada russa em Lisboa, em 2021.

17,44

METROS
O atleta português Pedro Pablo Pichardo precisou apenas de uma tentativa para se qualificar para a final do triplo salto nos Jogos Olímpicos de Paris.

6,1

POR CENTO
A taxa de desemprego em Portugal fixou-se em 6,1% no 2.º trimestre deste ano, 0,7 pontos percentuais abaixo do trimestre anterior e igual à do trimestre homólogo de 2023, divulgou ontem o Instituto Nacional de Estatística (INE).

8.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Dor Shapira

"É uma guerra de um país democrático contra uma organização terrorista"

BALANÇO Dor Shapira está de partida, após três anos em Portugal, e conversou com o DN sobre a determinação em eliminar o Hamas e resgatar os reféns em Gaza, a ameaça que representa o Irão e a força do antissemitismo. Embaixador de Israel diz que a paz com os palestinianos acontecerá.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA** FOTO **REINALDO RODRIGUES** / GLOBAL IMAGENS

Qual é a sua memória do 7 de Outubro, em que mais de mil israelitas foram mortos pelo Hamas?
Acordei às 6.30 da manhã e comecei a ver as notificações no meu telefone. Primeiro eram sobre ataques massivos muito diferentes, com mísseis por todo o país e, depois, começaram a chegar mais e mais rumores sobre terroristas infiltrados em Israel. De início eram sobre ataques a cidades e sobre o festival de música e começámos a reunir cada vez mais informações. Lembro-me de ficar completamente em choque e preocupado com a minha família e os meus amigos que lá estavam, além de determinado a fazer tudo para representar o meu país naquele momento específico e muito difícil. Foi isso o que senti.

Agora, dez meses depois, como é que reage à crítica internacional em relação a Israel, mesmo de países que sabemos serem aliados de Israel, mas em que parte da opinião pública é muito crítica da guerra em Gaza e da morte de quase 40 000 palestinianos? Israel é um país isolado ou pode contar com os seus aliados tradicionais como os Estados Unidos e a Europa Ocidental? Sente-se isolado enquanto diplomata?
Não me sinto nada isolado. Penso que Israel ainda tem o apoio e a compreensão da maior parte do mundo, principalmente do mundo democrático ocidental. Claro que há muita frustração com algumas organizações internacionais e alguns países. Sinto que, em primeiro lugar, Israel não está a ser tratado com justiça, pois outros países foram tratados de forma diferente em acontecimentos do mesmo tipo; e, em segundo lugar, as pessoas tendem a esquecer sobre o que é esta guerra. Não é uma guerra de israelitas contra palestinianos, de maneira nenhuma. Os palestinianos não são nossos inimigos, não é contra eles que lutamos. É uma guerra de um país democrático contra uma organização terrorista, uma organização que é financiada por outro país que é o Irão. Nesta guerra, todos os países democráticos que acreditam na liberdade de expressão, na liberdade de tudo, têm de estar do lado de Israel.

Consegue identificar um crescimento do antissemitismo, mesmo na Europa? Tem consciência disso através da sua experiência?
Se há uma coisa que me preocupa muito é essa questão. Em primeiro lugar, nós já víamos, mesmo antes do 7 de Outubro, um aumento dos acontecimentos antissemitas em todo o mundo, especialmente na Europa e nos EUA. Claro que depois do 7 de Outubro tornaram-se muitos mais ainda. Algum desse criticismo que recebemos, principalmente da extrema-esquerda e outras organizações desse tipo, não tem nada que ver com esta guerra, vem de alguma coisa mais profunda e isso preocupa-me muito, pois temos a comunidade judaica espalhada por todo o mundo e que tem de ser protegida. Vemos que a luta contra o antissemitismo não está acabada, e temos de fazer o que pudermos para acabar com ele.

A embaixada aqui em Lisboa trouxe algumas famílias de reféns em Gaza para darem o seu testemunho aos portugueses. Hoje há muita pressão por parte das famílias sobre o Governo israelita para negociar a libertação. Como é possível conciliar as diferentes prioridades: destruir o Hamas, salvar os reféns...?
Esta guerra tem três objetivos que precisamos de atingir. O primeiro é trazer de novo a segurança para o povo de Israel; o segundo é fazer desaparecer o Hamas; e o terceiro é resgatar os reféns. Às vezes é necessário priorizar esses objetivos. Nós somos um país democrático, todas as pessoas em Israel têm o direito a ter a sua opinião e, se precisarem de protestar contra o que se passa, têm liberdade para o fazer. Se acharem que a prioridade é resgatar os reféns, vão para a rua dizê-lo, mas no fim é um Governo democrático que tem de tomar a decisão. Eu acredito que acabaremos por libertar esses reféns, porque lhes devemos isso como país, somos obrigados a fazê-lo, mas também temos a obrigação de asseguramos que a organização terrorista nunca mais conseguirá levar a cabo um ataque terrorista contra Israel, nunca mais!

De qualquer forma, têm de lidar com o Hamas, mesmo que através do Egito ou do Qatar. Depois da morte de Ismail Haniyeh em Teerão e agora com Yahya Sinwar como novo líder do Hamas, ainda é possível a Israel considerar alguma espécie de negociação?
Nós não negociamos com o Hamas, não negociamos com uma organização terrorista. Há outros atores que estão a tentar chegar a um acordo. Nós estamos abertos para as bases para um acordo apresentadas pelo presidente Joe Biden, já o dissemos, agora cabe ao Hamas tomar uma posição. Penso que a melhor maneira de alcançar um acordo para terminar esta guerra é exercer pressão política, diplomática, mas também militar. O Hamas tem de compreender que depois de esta guerra acabar, de haver um cessar-fogo, não vamos voltar ao dia 6 de outubro. Não o podemos permitir, a situação é completamente diferente. Em relação a Haniyeh, apesar de Israel não ter assumido a responsabilidade pela sua morte, não posso dizer que esteja triste por isso e acho que nem Portugal, nem qualquer outro país deva estar triste por isso. Se Portugal considera que o Hamas é uma organização terrorista, e é o que acontece, e Haniyeh é o líder dessa organização terrorista, então ele é um terrorista. Qualquer terrorista ou líder de uma organização terrorista tem de estar ou na prisão ou no inferno, e é essa a situação.

Agora Israel está sob a ameaça de retaliação por parte do Irão e também do Hezbollah, embora o Hezbollah esteja constantemente a atacar Israel. Que espécie de retaliação estão à espera por parte do Irão?
Não acho que seja de agora que estamos à espera que algo aconteça, porque desde o dia 8 de outubro que o Hezbollah nos tem estado a atacar. Tivemos de evacuar toda a zona norte que ficou praticamente vazia de cidadãos israelitas, que eram quase 150 000 pessoas, porque eles têm estado a lançar milhares de mísseis sobre cidades israelitas desde outubro. Infelizmente, na semana passada, também mataram 12 crianças numa aldeia do norte, Madjal Shams. Na verdade, todos sabemos que é o Irão que está a orquestrar estes ataques financiando o Hezbollah e certificando-se de que a organização nos continua a atacar. São eles que financiam os *Houthis* para que ataquem todos aqueles navios, incluindo um português, e criem o caos no Mar Vermelho. Também é o Irão que apoia o Hamas para que continue a atacar Israel. A propósito, o Irão também apoia a Rússia contra a Ucrânia e apoia organizações terroristas em quase todo o mundo. Este problema existe desde há muito tempo e precisa de ser abordado não por Israel, mas pela comunidade internacional para fazer com que o Irão deixe de provocar e tentar criar o medo global.

Há uns meses o senhor escreveu um artigo no Diário de Notícias sobre não ser o momento certo para o reconhecimento do Estado da Palestina. Alguns países

europeus decidiram o contrário, como Espanha e Irlanda. Portugal ainda não o fez, mas há muita pressão nesse sentido. Como é que vê o futuro? A solução dos dois Estados ainda é a apoiada pela maioria dos israelitas?
Penso que a única maneira de resolver o problema é os israelitas e os palestinianos sentarem-se à mesma mesa e chegarem ao melhor acordo que assegure aos dois povos que podem viver lado a lado e em paz. No fim de contas é a única forma, temos de nos sentar juntos e conversar. Isto só pode acontecer depois da guerra. Devo dizer que acho que alguns dos países estão um pouco confusos, porque o problema não se resolve em Madrid ou em Dublim. O problema só pode ser resolvido entre os israelitas e os palestinianos, são quem tem de se sentar à mesa e resolver a questão. Não ajuda haver outros países que declaram uma coisa, acho que só torna as coisas mais problemáticas. Afasta-nos de conseguirmos alcançar um acordo de paz. Portanto, a pressão da comunidade internacional tem de ser sobre os palestinianos, para que quando a guerra acabar voltem à mesa das negociações e se sentem juntamente com os israelitas para se resolver este problema. Eu compreendo que os palestinianos estão lá para ficar, mas os israelitas também estão lá para ficar.

Mas é preciso reconhecer que depois do 7 de Outubro, com tantos israelitas mortos, mas também com tantos mortos do lado palestiniano com a guerra em Gaza, os sentimentos recíprocos não são os melhores para dar início às negociações. Acredita que uma negociação será possível?
Sem dúvida. Não vejo nenhuma outra opção. Tenho de ser otimista e acreditar que o meu futuro, o dos meus filhos, dos meus netos não vai ser viver num país que está constantemente em guerra. Não quero viver num pequeno país em guerra com os vizinhos. Houve uma guerra terrível entre Israel e o Egito em 1973. 2000 israelitas foram mortos nessa Guerra do *Yom Kippur* e foi ainda pior do lado egípcio. Poucos anos depois, porém, foi assinado o tratado de paz e, hoje em dia, o Egito é um dos nossos aliados. A guerra tem coisas terríveis, mas a paz faz-se com os nossos inimigos, não com os nossos aliados.

Tal como aconteceu no caso da paz com o Egito, tudo depende muito dos líderes de ambos os lados. Pensa que tanto do lado palestiniano como do lado israelita é necessária uma nova geração de líderes para encontrarem juntos uma solução de coexistência?
Nos países democráticos não tem que ver com os líderes, tem que ver com aqueles que votam para eleger os líderes. Do lado israelita, eu acredito nos cidadãos de Israel para eleger as pessoas que eles pensam ser as melhores para alcançar os acordos e a paz. Do lado palestiniano não existem eleições e é menos democrático do que aquilo que conhecemos, por isso acredito que eles precisam de uma liderança diferente que poderá trazer a paz para o povo. Uma liderança que acredite na convivência pacífica, lado a lado, mais do que no apoio a ataques terroristas.

Há uma relação histórica difícil entre a Organização das Nações Unidas e Israel, e existe agora tensão entre Israel e o secretário-geral António Guterres. Ainda é possível criar uma solução para o conflito entre Israel e os palestinianos com o envolvimento das Nações Unidas?
O nosso maior problema com a ONU, e estamos muito frustrados com isso, é a maneira como eles operam. Eu penso, tal como já disse, que António Guterres perdeu uma oportunidade de fazer algumas mudanças na forma como as Nações Unidas funcionam, especialmente no que respeita a Israel. Se analisarmos, mesmo antes do 7 de Outubro, houve anos em que estávamos no caminho para a paz com quase todos os países na região, e, mesmo durante esses anos, 75% das resoluções que a ONU passou foram contra Israel. É caso para nos perguntarmos o que se está a passar ali. Claro que eu não penso que Israel seja um país perfeito, mas vejamos Genebra e o Conselho dos Direitos Humanos. Israel não é o país mais perfeito, mas somos um país democrático com um Sistema Judicial muito forte e independente, com meios de comunicação muito fortes e confiáveis que colocam muitas questões e que sabem como atacar o Governo, mas mesmo assim o Conselho dos Direitos Humanos está sempre a atacar Israel e passou uma resolução muito especial apenas contra Israel. Não foi contra a Síria, contra a Coreia do Norte ou contra o Irão, não foi contra países que são totalmente não-democráticos e que abusam dos Direitos Humanos, e isto foi ainda antes do 7 de Outubro. Portanto, alguma coisa não está a funcionar naquele sistema, alguma coisa precisa de mudar. Depois do 7 de Outubro penso que a nossa frustração tornou-se cada vez mais forte e é por isso que alguém vai ter de fazer essa mudança, para que a ONU cumpra os seus verdadeiros objetivos, aquilo para que foi instituída. A frustração não advém só de Guterres, mas também da ONU e dele como líder desta organização. Mais uma vez, não tem nada que ver com o facto de ele ser português, mas com ele ser o secretário-geral da ONU. É por isso que temos um problema com ele.

"Os palestinianos não são nossos inimigos, não é contra eles que lutamos. É uma guerra de um país democrático contra uma organização terrorista, uma organização que é financiada por outro país, que é o Irão."

Em relação à posição portuguesa relativamente a Israel e à Palestina, há uma continuidade entre o Governo anterior e este agora em funções? Como é que avalia a posição diplomática de Portugal?
Não vejo nenhuma diferença relativamente à mudança de Governo. Depois do 7 de Outubro, os pontos principais do Governo anterior foram a condenação do Hamas, o apoio ao direito de Israel a defender-se e o pedido para a libertação dos reféns. Esses pontos mantiveram-se com o novo Governo e eu aprecio a posição do Governo de Portugal ao lado de Israel. Claro que estamos em desacordo sobre outros elementos, mas as relações bilaterais são muito, muito boas e têm aumentado ao longo dos últimos anos. Os países amigos devem discutir entre eles todas as questões e expor as críticas que têm em relação um ao outro, mas, no geral, o apoio português é muito forte. Isso é verdade também da parte do povo português, não apenas do Governo. Tenho recebido apoio de todo o lado, penso que às vezes as pessoas não se apercebem, porque talvez os meios de comunicação social valorizem mais outras coisas ou algumas manifestações, mas não é esse o sentimento que tenho recebido do povo português.

Está a terminar a sua missão de 3 anos em Portugal. Qual a melhor recordação que leva do país?
É uma pergunta muito difícil de responder. Vou dizer-lhe duas coisas: a nível profissional, o Parlamento passou, há um ano, uma resolução que teve que ver com o 75.º aniversário do Estado de Israel que, para mim, foi muito importante. Isso provou-me exatamente como são boas as relações bilaterais entre os nossos países. Elas são muito, muito fortes e continuam a crescer. A nível pessoal, posso dizer que fiquei muito surpreendido quando vim para cá e vi como Israel e Portugal são parecidos na forma como as pessoas se comportam. Não sei se é por estarem ambos perto do Mediterrâneo, no sul, se por causa do clima, até a comida… As famílias portuguesas são muito semelhantes às famílias judaicas, fiquei bastante surpreendido com isso e é essa a razão para me ter sentido como se estivesse em casa.

Miguel Coelho
"Acho que Pedro Nuno Santos, se se candidatar, provavelmente vence as eleições em Lisboa"

AUTÁRQUICAS Histórico socialista, presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, aponta o secretário-geral do PS como a melhor opção para derrotar o "temível" Carlos Moedas. Mas também não esquece José Luís Carneiro.

ENTREVISTA **LEONARDO RALHA**

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Carlos Moedas disse, em entrevista ao DN, que tem realizado muito mais do que considerava possível em minoria. Concorda?
Foram três anos de intensa propaganda, que se basearam sempre na apropriação de coisas que vinham de trás e em pura invenção. Moedas não mede bem os anúncios daquilo que diz que faz, mas é evidente que pôde concretizar algumas coisas, pois a oposição não foi destrutiva. Foi uma oposição responsável, reconhecendo que, tendo ganho as eleições, ele tinha todo o direito a tentar executar algumas das suas propostas e o seu programa eleitoral. Nesse aspeto, a oposição, a começar pelo PS, tem feito bem. Não foi a força de bloqueio que Moedas anuncia diariamente.

A cerca de um ano das eleições, entre os problemas da cidade, como a insegurança, a habitação e a mobilidade, qual deve ser a principal aposta para o PS poder reconquistar a Câmara?
A habitação é o problema número um da cidade e continuará a sê-lo. Enquanto não houver uma política clara de favorecimento ou de promoção de arrendamento acessível, Lisboa não será uma cidade com muita viabilidade do ponto de vista identitário, cultural e económico.

Também tem chamado a atenção, como presidente da Junta de Santa Maria Maior, para os problemas de insegurança.
Sou o primeiro a dizer que não há um problema de insegurança na cidade. Há um problema de insegurança no centro histórico, em particular na minha freguesia, por razões diagnosticadas. Como é a zona mais frequentada pelo turismo, e tem uma atividade económica ligada ao ramo alimentar, aqui se concentram pessoas que vêm à procura de apoio, mas também toda a marginalidade. Em Santa Maria Maior, temos uma circulação diária de cerca de 300 mil pessoas. Isto atrai traficantes de droga, carteiristas, assaltantes e gente que dorme na rua – alguns designo de falsos sem-abrigo, pois têm alternativa e estão aqui para melhor observar habitações, fazerem assaltos, traficar droga e controlar o tráfico. A câmara também tem grandes responsabilidades. Ao desenvolver uma política de exploração intensiva do turismo, não se preocupa com a qualidade de vida das pessoas, não toma medidas como a restrição dos horários dos bares e a escassez de iluminação pública, que está uma vergonha. É claro que é preciso uma resposta repressiva, mas mais do que isso uma resposta ao nível de implementação de medidas, que só a câmara pode tomar, que desincentivem a pressão demográfica.

Episódios como o furto do telemóvel do ex-primeiro-ministro António Costa ajudaram a trazer visibilidade para o problema?
Penso que não. Há carteiristas na cidade de Lisboa, sempre houve, e é bom que não haja, mas não é isso que traz insegurança. Temos consumo de droga na rua, e algumas dessas pessoas são violentas, tal como os que traficam. Há zonas onde os funcionários da junta, para lavarem as pedras da calçada, têm de levar a polícia, pois arriscam-se a ser agredidos pelos traficantes, que têm droga escondida debaixo das pedras. Está a ficar um território muito hostil, tomado por gangues.

A autarquia mencionou ontem, a propósito da multa de um milhão de euros pela partilha dos dados de ativistas russos, a pesada herança da gestão do PS. Acha que os lisboetas acreditam nisso?
Moedas não teve nada uma pesada herança. Encontrou uma câmara que não está endividada e com um conjunto de projetos em curso, que o presidente habilmente resolveu transformar em seus, mas que não são. A começar pelo plano de drenagem. Não se faz um túnel de seis quilómetros, a 30 metros de profundidade, de um dia para o outro. Herdou um conjunto de circunstâncias positivas e, habilmente, procurou transformá-las em suas. Só acreditam os incautos. Mas o presidente Moedas tem uma característica que acho positiva, mesmo que no meu partido se zanguem comigo: é uma pessoa simpática e muito afável. Isso é importante quando políticos crispados e agressivos fomentam o ódio. E depois tem outra característica que usa muito bem a seu favor, mas não é positiva: é muito bom a fazer propaganda e vive muito de propaganda. Como tem esta candura toda, esta forma de falar, de choramingar, de se queixar, as pessoas vão achando que, se calhar, é mesmo verdade aquilo que está a dizer. Mas passaram três anos, e vão-se apercebendo de que o rei vai nu.

> *"Carlos Moedas quer fazer as pessoas de tolas, mas ele não tem nada de tolo. É preciso ter grande atenção na escolha de candidato para o enfrentar. O PS tem de fazer tudo para tentar ganhar estas Eleições Autárquicas."*

Enquanto isso, possíveis candidatos do PS à Câmara de Lisboa ficam pelo caminho. Duarte Cordeiro afastou-se da política até ficar esclarecido o seu envolvimento na *Tutti Frutti* e Marta Temido foi cabeça de lista ao Parlamento Europeu. Conseguiu perceber a escolha da ex-ministra?
Foi uma deceção para muitos, a começar por mim, que acreditávamos que ela era capaz de derrotar Carlos Moedas. Podem ter

acontecido coisas das quais não tenho informação, pelo que não quero criticar a decisão. A não ser que a vejo como irreversível, porque o eleitorado iria sentir-se defraudado com uma pessoa que se candidata, está um ano num lugar, e depois volta para trás.

A seu ver, quem é o candidato do PS que pode derrotar Moedas?

Há bocado mencionou Duarte Cordeiro. Tenho grande amizade e estima por ele, e devo dizer que toda a gente sabe que apoiei José Luís Carneiro para líder do partido, e voltaria a apoiar, mas caso Duarte Cordeiro se tivesse candidato teria tido o meu apoio – estou convencido de que até teria do próprio José Luís Carneiro. Mas a vida política é muito intensa, e não há compassos de espera. Se o PS quer ganhar as próximas eleições, tem de começar a preparar-se já. Há bons nomes que tenho lido e Mariana Vieira da Silva seria uma adversária de respeito para Moedas. Mas noto alguma tendência do PS para subestimar Carlos Moedas e achar que as pessoas já se convenceram de que ele foi um *flop*... Eu acho que vencer o engenheiro Carlos Moedas numa eleição para a Câmara de Lisboa vai ser um objetivo difícil de alcançar, não inalcançável, mas é um grande desafio e o PS tem de ver bem quem é o melhor posicionado para o confronto. Até porque, politicamente, ser presidente da Câmara de Lisboa é o terceiro lugar mais importante do país, depois do Presidente da República e do primeiro-ministro. Aliás, Jorge Sampaio mostrou-o ao concorrer à Câmara de Lisboa sendo secretário-geral do PS.

Depreendo que vê que Pedro Nuno Santos pode ser o candidato do PS a presidente da Câmara de Lisboa?

Sem nenhum tipo de ironia, nem jogo escondido, acho que o secretário-geral do PS, se se candidatar, provavelmente vence estas eleições. Mas também acho que há um nome que tem de ser obrigatoriamente testado, que é o José Luís Carneiro. Não só pelo seu perfil como pela capacidade congregadora. Não sei se está disponível ou não, mas deveria ser testado. O secretário-geral não deve ser testado. Se quiser ser o candidato, é ele. Ponto final, parágrafo.

À frente de uma coligação de esquerda, como Sampaio?

Os partidos já não são os mesmos. No tempo de Sampaio, tínhamos o PCP disponível e a UDP, mais tarde Bloco de Esquerda, indisponível. Agora parece que seria ao contrário. O fundamental é que a agenda política de qualquer coligação tem de ser baseada fundamentalmente no programa do PS, com contributos das outras forças políticas, e não misturar tudo. Isso seria descaracterizar o PS e seria condená-lo a médio prazo, ou até a curto prazo. Se o caminho for uma coligação de esquerda, com o secretário-geral teremos fortíssimas hipóteses. Mas, se calhar por razões diferentes, também teremos com José Luís Carneiro.

Com ele não seria mais difícil fazer uma convergência à esquerda?

Mas será certamente muito mais fácil a captação de votos ao centro, que sempre foram eleitorado do PS e deram grandes vitórias a António Costa. No dia em que abdicar do centro político, o PS estará a condenar-se a si próprio.

É essencial não subestimar Moedas?

Carlos Moedas é um adversário temível. Quer fazer as pessoas de tolas, mas ele não tem nada de tolo. É preciso ter grande atenção na escolha de candidato para o enfrentar. O PS tem de fazer tudo para tentar ganhar estas Eleições Autárquicas. E só vai conseguir ganhar Lisboa, em minha opinião, com um candidato fortíssimo. Nada melhor do que as duas hipóteses serem o líder do partido e aquele que lhe disputou a liderança.

O passado não é um país estrangeiro

Alberto Costa

Um alerta com mais de meio século

Para contestar que os juízes fossem recrutados de entre agentes do MP – como o eram em 1973 – teria bastado na altura dizer que, nesse corpo, a selecção se fazia, à entrada, com recurso, legalmente regulado, a informação da PIDE. Como em relação a toda a Função Pública, a polícia política pronunciava-se através de modelo próprio, que pelo menos nos últimos anos era da Papelaria Fernandes, especialmente concebido para poder intervir mesmo em processos de "concurso".

Quando numa das suas colunas era aposto "Não dá garantias de cooperar com os fins superiores do Estado", com um carimbo da PIDE e uma rubrica ilegível, era motivo suficiente para "desaparecer em concurso", sem sequer haver lugar – em muitos casos, pelo menos, assim aconteceu – à notificação do interessado. Era um mal banalizado, com algum toque kafkiano…

Mas para além de denunciar, mais uma vez, essa prática, que ia já então em muitas décadas, nas conclusões do *III Congresso da Oposição Democrática* deu-se relevo a uma outra razão: esse seria sempre um "mau campo de recrutamento" já que – resumia-se – "adquirem os mesmos agentes do Ministério Público uma visão deformada dos arguidos, pelo exercício prolongado das funções de acusadores públicos". E aduzia-se ainda que, com essa solução, "agravam-se os problemas da sua independência, desde os graus inferiores para os graus superiores da respectiva hierarquia" (cf. B-Organização Judiciária, b e c).

Surpreende, à luz disso, que menos de uma década depois na Constituição da República, na revisão de 1982, se tenha consagrado o acesso dos magistrados do MP ao Supremo Tribunal de Justiça (STJ) de par com os juízes – uma solução que seria dificilmente pensável no texto saído da Constituinte (1976).

Ainda por cima, ao tempo, era o texto nela aprovado que dispunha que "os agentes do Ministério Público" eram, contrariamente aos juízes, "responsáveis e hierarquicamente subordinados" – e , recorde-se, a "autonomia" só sete anos depois da "constitucionalização" do acesso do MP ao STJ encontraria lugar no discurso constitucional.

Obviamente não se estaria a pensar, com essa inovação, em "agentes" apenas com meia dúzia de anos de serviço no MP. Mas sendo assim, por maioria de razão, a "deformação" de perspectiva profissional e o efeito invocado resultante da prolongada inserção em linha hierárquica, então pressuposta, só poderiam constituir argumentos ainda mais fortes.

Esse passo, tão pouco estudado, dado na revisão de 82, viria a fundar uma das traves constitucionais da actual composição do STJ.

Atenção: não poderia nunca pôr-se em causa o acesso ao STJ de juristas procedentes do MP na base do mérito (e a Constituição é clara sobre isso), como se constitucionalizou então, ao mesmo tempo, em relação a outros "juristas de mérito", desde que salvaguardado idêntico nível de exigência. Isso teria sempre plena legitimidade e justificação (registe-se, aliás, que antes e depois do 25 de Abril, juristas de incontroversa grande capacidade técnica – incluindo um bom número de juízes! – prestaram serviço no MP).

O que estava em apreço, e ficou assim "inscrito na pedra" constitucional,com carácter prévio em relação à própria autonomia, foi uma verdadeira – e bem discutível – manifestação precoce de "paralelismo", no acesso ao STJ, entre juízes e procuradores.

O resultado foi que, na fase subsequente, sob o registo constitucional assim adquirido, ao mesmo tempo que ficava por erguer o pilar dos "juristas de mérito", se ergueu do outro lado, de forma constante, o pilar dos procuradores – num processo que pode ser considerado de "desfiguração constitucional" do STJ.

Isto a acrescer a uma opção constitucional já ela contrastante com o que tinham querido e claramente enunciado os que defendiam a democracia (1973). Como até à alteração legislativa de 2008 as vagas não preenchidas previstas para os "juristas de mérito" acabaram por ser preenchidas não só por juízes, como também por procuradores, dá para perceber a dimensão da "divergência", não só com o modelo prefigurado, mas com o essencial das preocupações explicitadas nas conclusões do *Congresso de 1973*. O avolumar de acórdãos do STJ ditando a última palavra em matéria penal assinados por conselheiros tendo atrás de si uma vida inteira de procuradores – às vezes todos – não atira para o cesto dos papéis o alerta constante das conclusões do *Congresso de Aveiro*: confere-lhes uma nova actualidade.

Advogado, ex-ministro da Justiça.
Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Recorde de aposentações em setembro pode deixar milhares de alunos sem aulas

PROFESSORES Este ano já são 2755 os docentes reformados e as previsões apontam para um total de cerca de 5000 até final de 2024, com um recorde de aposentações já no mês de setembro: 460. Diretores temem dificuldades para substituir estas saídas, podendo deixar cerca de 30 mil alunos sem aulas.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

É o número mais alto de sempre de aposentações num único mês. São 460 os professores que, em setembro, se aposentam e saem, assim, do Sistema do Ensino. Estes juntam-se a 2295 professores já reformados este ano. No total, desde janeiro, são 2757. O ano passado registou o número mais alto de aposentações da última década, com 3500 saídas, mas 2024 deverá chegar a cerca de 5000.

A corrida às aposentações intensificou-se. Desde o início do ano, houve apenas um mês com menos de duas centenas de aposentações. Janeiro começou com 434 aposentações. Os números mensais de quem segue para a reforma foram também superiores às três centenas em fevereiro (315), março (302) e agosto (345). Contudo, os números poderão ser ainda mais expressivos, pois estes refletem apenas os aposentados da Caixa Geral de Aposentações (CGA), não havendo dados dos docentes que se reformam pela Segurança Social.

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), diz tratar-se de "mais um constrangimento para a estratégia de combate à escassez de professores". As escolas, explica, contavam com esses professores para o próximo ano letivo e já tinha sido feita a distribuição de serviço.

Segundo o dirigente ,"fazendo uma estimativa muito por baixo do número de alunos que podem ficar sem aulas, se pensarmos que cada professor tem três turmas e 20 alunos por turma, serão muitos milhares [27 600]". Filinto Lima relembra que, dependendo dos grupos de recrutamento (disciplinas) e das zonas onde residem os professores aposentados, o problema pode vir a ter repercussões maiores.

No mês de setembro aposentam-se quase meia centena de docentes.

ARQUIVO / GLOBAL IMAGENS

"No ano passado, quando saíram as colocações em agosto, já havia grupos de recrutamento sem candidatos por colocar. Se os professores que agora se reformam forem desses grupos, pode vir a ser muito difícil encontrar soluções", explica.

O presidente da ANDAEP espera que haja, ainda antes do dia do arranque do ano letivo [12 de setembro], as chamadas Reservas de Recrutamento. "Talvez assim se possa atenuar um pouco o problema, mas a verdade é que a situação é um grande constrangimento para as escolas e para os alunos e pode não ajudar a ter um arranque de ano letivo pacífico", conclui.

Quase 60% dos professores tem 50 ou mais anos

As aposentações multiplicam-se a cada ano letivo e as escassas novas entradas de jovens professores traduzem-se num saldo negativo. Segundo dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), "o número anual de diplomados de mestrados em formação de docentes é claramente insuficiente para satisfazer as necessidades de recrutamento cumulativas de novos docentes previstas até 2030 para a grande maioria dos grupos de recrutamento".

> *"Numa estimativa muito por baixo, se pensarmos que cada professor tem três turmas e 20 alunos por turma, serão muitos milhares [27 600] sem aulas."*
> **Filinto Lima**
> Presidente da ANDAEP

A previsão anual de aposentações por grupo de recrutamento mostra que a maioria dos grupos pode perder mais de 50% dos docentes até 2030.

Ainda segundo a DGEEC, "esta realidade mostra que não tem ocorrido um rejuvenescimento na profissão docente e que um número significativo de docentes atingirá a idade da reforma nos próximos seis ou sete anos". Recorde-se que quase 60% dos professores portugueses tem 50 ou mais anos.

Segundo o último estudo do Conselho Nacional de Educação (CNE), publicado este ano, "o aumento da taxa de envelhecimento dos professores portugueses e a diminuição da taxa de entrada de novos professores coloca o país, face à média dos países europeus, num contexto ainda mais preocupante".

O estudo *Estado da Educação 2022 (edição 2023)* alerta para a falta de diplomados em diversas disciplinas, havendo algumas sem um único professor diplomado em 2022: ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e no Ensino Secundário (especialidades de Alemão, Francês ou Espanhol); ensino do Português e de Espanhol no 3º CEB e no Ensino Secundário; ensino de Inglês e de Espanhol no 3º CEB e no Ensino Secundário.

Dados que, antevê o CNE, "poderão vir a condicionar a lecionação e, consequentemente, a aprendizagem no âmbito das línguas estrangeiras".

"Nesta e noutras áreas o défice de matrículas nos cursos de formação inicial de professores continua a ser um desafio", pode ler-se no documento.

Guião da tutela para as escolas suscitou críticas entre professores e diretores.

Guião para ano letivo. Ministério acusado de ilegalidades

DIRETIVAS Movimento S.O.S. Escola Pública critica orientações da tutela, principalmente a atribuição de uma turma extra a cada docente.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Os professores acusam o Ministério da Educação (ME) de ilegalidades. Em causa está o guião de organização do novo ano letivo enviado às escolas, onde consta, entre outras medidas, a atribuição de uma turma extra a cada professor – o que, para o movimento S.O.S. Escola Pública, faz com que passe assim a existir, ilegalmente, um "banco de horas".

"Temos de voltar às aulas de substituição e passam a existir bancos de horas, ilegalmente, que não estão previstos no ECD (Estatuto da Carreira Docente). Incentivar os 'ajustamentos pontuais de horários' é o mesmo que dizer que passa a valer tudo", afirma o movimento, em comunicado enviado ao Diário de Notícias.

É ainda apontado o dedo à medida de "reforço da carga curricular de uma disciplina quando um docente do Conselho de Turma passa a estar em ausência prolongada". Para os professores, "é o mesmo que dizer que os diretores podem mudar os nossos horários como bem e quando lhes aprouver", acusa o movimento.

No polémico guião, o Ministério da Educação esclarece que as aulas têm "absoluta prioridade em detrimento de qualquer outro serviço". Assim, outras medidas previstas passam, por exemplo, por sacrificar projetos, se necessário, para garantir aulas a todos os alunos. "Suspensão de atividades de complemento e de enriquecimento curricular (com exceção da EPE e do 1º CEB), desenvolvimento de projetos, ou outras, mobilizando os docentes afetos a essas atividades ou projetos (com tempos letivos associados) para lecionarem às turmas onde os alunos estão sem aulas", pode ler-se no documento.

O movimento S.O.S Escola Pública diz-se "perplexo" por "muitas das medidas irem contra aquilo que os professores preconizam como benéfico para a pacificação da Escola Pública e dignificação/valorização do trabalho docente", bem como a qualidade da escola pública, prejudicando os alunos.

Já o ME justifica as medidas, no documento, afirmando que "o maior desafio para a qualidade e equidade do Sistema Educativo é a existência de alunos sem aulas, especialmente em alguns grupos de recrutamento e regiões do país".

Documento "demasiado ambicioso"

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), também aponta reações negativas ao guião por parte de professores e de diretores escolares. Um documento que, diz, "visa garantir aulas a todos os alunos, mas é demasiado ambicioso".

"A medida da turma extra deu logo nas vistas e temos já uma reação de professores que não concordam com a situação e também de diretores que dizem que, de facto, é complicado fazer horários com esses condicionalismos", explica.

Até porque, relembra, o ME pretende que se evitem os "furos" nos horários dos professores", algo que "será difícil com a atribuição de uma turma extra.

"Tecnicamente não é fácil elaborar um horário desse género porque pode criar, e vai criar, alguns furos no horário dos professores", refere.

O Diário de Notícias pediu um esclarecimento ao Ministério da Educação, mas até à hora do fecho desta edição não obteve resposta.

Câmara de Lisboa lamenta "herança" e pondera recurso de multa de um milhão

RUSSIAGATE Em causa está a sentença do Tribunal Administrativo após partilha de dados de ativistas.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

"Lamentamos a pesada herança, mas defenderemos os lisboetas." Este foi um dos comentários que a Câmara Municipal de Lisboa, liderada pelo social-democrata Carlos Moedas, fez à decisão do Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa de condenar a autarquia ao pagamento de 1 027 500 euros no processo conhecido como *Russiagate*.

O Executivo confirma ter "tomado conhecimento da sentença do Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa, nos termos da qual foi condenada ao pagamento de 1 027 500 euros", frisando: "Mais uma vez, a autarquia lamenta esta pesada herança deixada pelo anterior Executivo socialista e o seu impacto muito relevante." Tendo em conta o elevado valor da multa – mais de um milhão de euros, "a câmara municipal encontra-se a avaliar se irá recorrer da decisão judicial agora conhecida". Isto, enfatiza, "em defesa dos interesses dos lisboetas".

Numa curta declaração, enviada ao DN, Carlos Moedas apenas diz: "Lamentamos a pesada herança, mas defenderemos os lisboetas."

A multa agora imposta ao Município de Lisboa remonta a um processo que foi aberto após uma queixa – que deu entrada na Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPD) a 19 de março de 2021. Em causa estava a comunicação, feita pela Câmara Municipal de Lisboa então presidida pelo socialista Fernando Medina, quer à embaixada russa, quer aos ministério russo dos Negócios Estrangeiros, de dados pessoais dos promotores de uma manifestação que teve lugar junto à Embaixada da Rússia, em Lisboa.

O protesto teve como mote a libertação do, entretanto falecido, opositor russo Alexey Navalny. Os ativistas deram conta, na queixa apresentada junto da CNPD, de que a CML pôs em causa a sua segurança e dos seus familiares na Rússia, devido à divulgação dos seus dados.

Cerca de um ano depois, em janeiro de 2022, a CNPD aplicou uma multa de um milhão e 250 mil euros à CML por violação do Regulamento Geral de Proteção de Dados. Nessa altura, a CNPD fez o levantamento de 225 contraordenações em comunicações feitas pela autarquia, no âmbito das manifestações, desfiles ou comícios.

Esta multa traduz-se num revés para a CML, que em 21 de junho, fez um pedido de impugnação por, a seu ver, não existir uma "norma sancionatória" neste caso.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Carlos Moedas promete "defender os lisboetas".

Os carros elétricos poupam o ambiente. Mas será que valem a pena?

MOBILIDADE Quanto tempo dura uma bateria? Os custos de manutenção e a poupança em gasolina compensam a compra? Eis algumas das questões que surgem quando se pensa em comprar um veículo deste tipo. E as respostas possíveis.

TEXTO **JACK EWING**, *THE NEW YORK TIMES*

Os veículos elétricos são mais caros do que os carros a gasolina e podem perder valor mais rapidamente. Mesmo para quem está ansioso por ter um carro sem emissões de gases de escape, é razoável perguntar-se se faz sentido comprar um agora.

A resposta pode muito bem ser sim, mas há uma série de fatores a considerar, muitos dos quais dependem dos seus hábitos de condução e da importância que atribui à redução do seu impacto no ambiente. E como os veículos elétricos são uma tecnologia nova, há menos certezas do que no caso dos veículos a gasolina sobre a forma como os números vão evoluir ao longo do tempo.

Eis o que sabemos.

A longevidade das baterias é um problema?

A maioria dos automóveis elétricos ainda não está na estrada há muito tempo, pelo que é difícil dizer definitivamente durante quanto tempo as baterias continuarão a ser utilizáveis. As baterias de iões de lítio – o tipo utilizado em praticamente todos os veículos elétricos – perdem autonomia com o tempo.

Mas a degradação é muito lenta. Os automóveis elétricos da Tesla e de outros fabricantes dispõem de *software* que faz um bom trabalho de proteção das baterias contra o excesso de calor ou de tensão que pode causar danos, especialmente durante o carregamento.

Os regulamentos federais [nos EUA] exigem que os fabricantes de automóveis garantam as baterias dos veículos elétricos durante oito anos ou 100 mil milhas (perto de 160 mil quilómetros), embora os fabricantes interpretem essa regra de formas diferentes. A maioria substituí uma bateria se esta perder mais de 30% da sua capacidade durante o período de garantia.

Em média, os veículos elétricos sofreram uma desvalorização de 49% em cinco anos, em comparação com 39% para todos os veículos, de acordo com o *iSeeCars.com*, um *site* norte-americano de venda de automóveis.

Um aspeto a ter em conta: as baterias continuarão a funcionar em condições de frio e calor extremo, mas a sua autonomia poderá ser temporariamente reduzida.

Há muitos exemplos de pessoas que conduziram carros elétricos durante centenas de milhares de quilómetros. A probabilidade de uma bateria se degradar ao ponto de ter de ser substituída é inferior a 1% para os veículos elétricos construídos em 2016 ou posteriormente, de acordo com dados da Recurrent, uma empresa que acompanha o mercado de veículos elétricos usados.

"Tudo indica que as baterias deverão durar mais tempo do que os próprios automóveis", afirmou Liz Najman, diretora de Informação de Mercado da Recurrent. "Certamente que devem durar a vida média de um carro a gasolina."

E como as baterias dos veículos elétricos contêm metais valiosos, como o lítio e o cobalto, que podem ser reciclados, mesmo uma bateria completamente gasta ainda terá algum valor.

E quanto ao valor de revenda?

Os preços dos veículos elétricos usados têm sofrido grandes flutuações. Em 2022, quando os automóveis elétricos eram populares e difíceis de encontrar, alguns modelos vendiam mais no mercado de usados do que quando eram novos. Agora que existem mais de 100 modelos de veículos elétricos disponíveis, os valores de revenda de alguns modelos caíram a pique.

Em média, os veículos elétricos sofreram uma desvalorização de 49% em cinco anos, em comparação com 39% para todos os veículos, de acordo com o *iSeeCars.com*, um site norte-americano de venda de automóveis. Mas uma série de fatores pontuais contribuíram para

a queda, nomeadamente a forte redução dos preços dos novos modelos da Tesla.

"Por que é que se compra um carro usado quando se pode comprar o mesmo carro novo?", disse Karl Brauer, analista executivo da iSeeCars.

A Hertz ajudou a criar um excesso no mercado quando decidiu vender 30 mil automóveis da sua frota de veículos elétricos, porque estava a perder dinheiro com eles. A proliferação de novos modelos de veículos elétricos da Hyundai, Kia, Ford, General Motors e outros criou uma concorrência intensa e fez baixar os preços.

Mas há sinais de que os preços dos veículos elétricos usados estão a estabilizar. Os modelos mais recentes, com baterias de maior autonomia, têm mantido o seu valor bastante bom, de acordo com John Helveston, professor assistente da Universidade George Washington que estudou o mercado de veículos elétricos usados. As taxas de depreciação estão "a avançar na direção da convergência" com os veículos a gasolina, segundo ele, "mas ainda não chegámos lá".

O *leasing* é uma forma de evitar o risco de um veículo elétrico se desvalorizar ou de se tornar obsoleto devido a uma tecnologia mais recente. Quando o aluguer termina, qualquer desvalorização é problema do concessionário.

Ou então compre um veículo elétrico usado que já se tenha desvalorizado. Segundo algumas estimativas, os veículos elétricos (VE) usados custam atualmente menos do que os veículos a gasolina usados. "Se estiver interessado num VE, é uma ótima opção", afirmou Helveston.

Quanto posso poupar em combustível?

As pessoas concentram-se naturalmente nos preços de tabela quando compram automóveis. O preço médio de um carro elétrico novo ou de uma *pick-up* era de 56 371 dólares em junho, de acordo com as estimativas da Cox Automotive, em comparação com 48 644 dólares para todos os veículos.

Mas muitas pessoas recuperarão essa diferença com a redução dos custos de manutenção e de combustível. A Agência de Proteção Ambiental estima que uma *pick-up* elétrica Ford F-150 Lightning custa 1100 dólares por ano para carregar, menos de metade do custo anual para abastecer a F-150 a gasolina mais eficiente em termos de combustível.

Naturalmente, as poupanças reais variam em função dos preços atuais da gasolina, das tarifas locais de eletricidade e dos hábitos de condução.

Os custos de manutenção são normalmente mais baixos porque os veículos elétricos não necessitam de mudanças de óleo e não têm velas de ignição ou silenciadores que tenham de ser substituídos periodicamente. Têm menos peças móveis para avariar. No entanto, os veículos elétricos tendem a desgastar os pneus mais rapidamente porque as baterias são muito pesadas.

Como avaliar os benefícios ambientais?

É difícil atribuir um valor monetário a alguns dos benefícios dos veículos elétricos. Muitas pessoas desfrutarão da paz de espírito que advém do facto de conduzirem um veículo que produz muito menos gases com efeito de estufa e outros poluentes – embora não estejam isentos de impactos ambientais.

Ao longo da sua vida útil, uma berlina elétrica de tamanho médio com 480km de autonomia produz metade dos gases com efeito de estufa que um automóvel comparável a gasolina, de acordo com um estudo publicado em novembro pelo Laboratório Nacional de Argonne (EUA), que teve em conta as emissões provenientes da exploração mineira, do fabrico e da produção de eletricidade.

Ao longo da sua vida útil, uma berlina elétrica de tamanho médio com 480km de autonomia produz metade dos gases com efeito de estufa que um automóvel comparável a gasolina, de acordo com um estudo publicado em novembro pelo Laboratório Nacional de Argonne.

Os veículos elétricos não produzem óxidos de azoto e outros poluentes que causam asma e outros problemas respiratórios. E muitas pessoas gostam da aceleração rápida e o silêncio dos veículos elétricos, bem como a comodidade de os carregar em casa, se tiver uma garagem própria. Se vale a pena pagar um preço mais elevado por estes benefícios é uma questão de preferência pessoal.

Este artigo foi publicado originalmente no jornal The New York Times

23 guardas prisionais já foram agredidos nas prisões. A mais recente foi em Angra

JUSTIÇA Sindicato quer medidas para evitar ataques. E pediu audiência à Subcomissão dos Serviços Prisionais

O Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional defendeu ontem medidas para evitar agressões de reclusos a guardas prisionais, após um incidente que aconteceu na terça-feira na cadeia de Angra do Heroísmo, nos Açores.

Frederico Morais, dirigente do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional, relatou à Agência Lusa que a situação ocorreu quando um recluso do Estabelecimento Prisional de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, desobedeceu a ordens para abandonar um piso e agrediu um guarda prisional.

"Um recluso estava a receber ordens para sair do piso onde estava e onde não devia estar. Foi confrontando o guarda, até que chegou a um ponto em que lhe mandou com as mãos no peito e deixou-o com mazelas, todo negro, na zona do peito", contou.

Ainda segundo Frederico Morais, o alegado agressor foi posteriormente dominado por outros guardas e colocado em regime disciplinar.

O guarda prisional que ficou com ferimentos no peito não se deslocou ao hospital, mas foi assistido na enfermaria da cadeia de Angra do Heroísmo.

O presidente do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional disse ainda à Lusa que esta foi a 23.ª agressão a guardas prisionais registada este ano no país e a segunda na cadeia de Angra do Heroísmo, que tem cerca de 250 reclusos.

Frederico Morais considerou a situação "muito preocupante", adiantando que a direção já pediu uma reunião de urgência à Subcomissão dos Serviços Prisionais e será recebida em setembro.

Questionada pelo Lusa, a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais disse que, "como decorre do legalmente previsto, foram instaurados os competentes processos de inquérito e disciplinar".

"Xenofobia contra brasileiros deve ser discutida na UE"

ALERTA Sílvio de Almeida, ministro dos Direitos Humanos do Brasil, diz que os partidos de extrema-direita procuram "culpados para problemas económicos" mas reforça que migração "é incontornável e útil para os países de destino".

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** SÃO PAULO

A xenofobia contra brasileiros em Portugal deve deixar de ser discutida apenas entre os Governos dos dois países e chegar à sede da União Europeia, defendeu Sílvio de Almeida, ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Governo de Lula da Silva. Em conversa com o DN, à margem do *Festival de Inverno do Cordão*, em Avaré, cidade a 280km de São Paulo, o ministro sublinhou ainda que os fluxos migratórios são, além de inevitáveis, necessários para as economias dos países de destino.

"A questão migratória não é uma novidade na história da Humanidade e esses fluxos têm de ser vistos na perspetiva do que eles têm de interessante e de potente para os países que os recebem, estudos mostram que os países de destino estão entre os que mais registam desenvolvimento económico e isso é ainda mais importante para países, como os europeus, em que a pirâmide etária mostra a existência de pessoas cada vez mais velhas", disse Almeida, que é filósofo de formação.

"Nesse sentido", prossegue, "o discurso antimigratório, que se traduz na xenofobia, é algo que tem sido levado a cabo pelos partidários da extrema-direita que, na impossibilidade de encontrar soluções e transformações para a vida das pessoas, ficam procurando culpados para a própria decadência das suas economias."

Questionado sobre o caso específico dos brasileiros em Portugal, o ministro recomenda que o problema seja discutido também em Bruxelas. "Em Portugal, especificamente, para onde foram muitos brasileiros, os números de imigrantes são muito expressivos, os relatos de xenofobia sucedem-se e é importante que não só o Governo de Portugal, mas a própria União Europeia discuta o problema de maneira ampla até porque, reforço, a migração é incontornável e importante para economia dos países que a recebem", sublinhou.

Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania brasileiro lembra a importância dos fluxos migratórios.

MIGUEL SCHINCARIOL / AFP

Entre 2017 e 2021, as denúncias de xenofobia contra brasileiros em Portugal cresceram 505%, segundo um balanço da Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial. Nunca houve tantos brasileiros a morar em Portugal quanto agora: num ano, o número de residentes legais aumentou 36%.

"Sei, entretanto, que as conversas entre os Governos de Portugal e do Brasil decorrem, nomeadamente através do Ministério das Relações Exteriores brasileiro, a quem cabe a discussão com o homólogo português, mas que, entretanto, vem-nos mantendo sempre informados no Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, porque queremos, claro, estar muito atentos à questão."

Sobre a atividade do Governo, cerca de dois anos e meio após a posse de Lula sucedendo a quatro anos de gestão de Jair Bolsonaro, o ministro diz que há desafios próprios do Brasil e da região do mundo em que se encontra. "O desafio de pensar os Direitos Humanos no Sul Global é tentar entender como o cuidado pelas pessoas e a busca pela dignidade se adaptam aos problemas sociais e económicos da região", diz Almeida.

"Ao contrário da Europa, o discurso dos Direitos Humanos no Brasil não pode apenas ser construído na perspetiva de um pilar moral ou por um conjunto de determinações éticas que se traduzam em normas jurídicas. Não, é preciso que nós ataquemos as condições materiais da existência, ou seja, uma das questões fundamentais para nós, no ministério, é o direito ao desenvolvimento".

"E esse direito ao desenvolvimento", continua Almeida, "envolve a dignidade no trabalho das pessoas que vivem do seu próprio trabalho, envolve pensar nas assimetrias nos campos tecnológico e educacional das pessoas, ou seja, se há desafios dos Direitos Humanos no Brasil que são comuns aos da Europa há outros com ligação à região e à condição de país que saiu do jugo colonial."

Sílvio de Almeida, 47 anos, é formado em Direito e em Filosofia, mestre em Direito Político e doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Universidade de São Paulo, presidente do Instituto Luiz Gama, organização voltada para a defesa de minorias que homenageia o advogado abolicionista brasileiro do século XIX, além de professor universitário e escritor com vasta obra sobre racismo estrutural.

OMS alerta para impacto do calor extremo

O calor extremo de julho provocou "impactos devastadores" em centenas de milhões de pessoas, tendo-se registado o dia mais quente no mundo desde que há registos, destacou ontem a Organização Meteorológica Mundial (OMM).

Num balanço sobre as temperaturas do mês passado divulgado ontem, que ainda não conclui se julho foi o mês mais quente de sempre (as temperaturas médias globais durante 13 meses consecutivos, até junho de 2024, foram todas recordes), a OMM avisa que os dados de julho são mais uma indicação de como os gases com efeito de estufa provenientes das atividades humanas estão a alterar o clima.

E sublinham também a urgência do apelo à ação sobre o calor extremo lançado pelo secretário-geral da ONU, António Guterres.

"Ondas de calor generalizadas, intensas e prolongadas atingiram todos os continentes no ano passado. Pelo menos dez países registaram temperaturas diárias superiores a 50°C (graus celsius) em mais do que um local. Isto está a tornar-se demasiado quente para se aguentar", afirmou a secretária-geral da OMM, Celeste Saulo.

"A adaptação às alterações climáticas, por si só, não é suficiente. Temos de atacar as causas profundas e levar a sério a redução dos níveis recorde de emissões de gases com efeito de estufa", afirmou a responsável citada no comunicado.

Sobre o mês passado, a OMM recorda que globalmente o dia 22 foi o mais quente e o dia 23 foi praticamente um empate.

DN/LUSA

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

Paulo Gomes *Bartender* e cofundador do Red Frog "Se pudesse falar com um animal perguntaria aos Coalas se são mesmo felizes a não fazer nada"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Parar o tempo! Para poder corrigir o mundo!

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Neste momento, *Onívoros*.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Gafanhotos e larvas.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Nova Iorque / Anos 20 – tempo da *Lei Seca*.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Bandit heeler (pai da Bluey).

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Uma música do Panda e os Caricas.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Elon Musk.

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Dave Clarke – *Wisdom to the wise*.

TIAGOMAYA_VISUALARTS

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Sideways, porque gostava de viver este filme com os meus amigos.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Um jogo para jogar enquanto estou na sanita! (nunca percebi a lógica de se jogar neste momento ??)

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Pantera negra. Todos a temem!

Qual é a sobremesa favorita que nunca recusaria?
Tigelada.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Dia do silêncio! Comemorado em silêncio!

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
BBQ.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
René Redzepi (*chef* do restaurante Noma)

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Conheces a piada do fotógrafo? Pois, ainda não foi revelada.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Coalas. Perguntar-lhes-ia se eles são mesmo felizes a não fazer nada.

Qual é o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?
DJ.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Cinzento. Porque é mais complexa do que parece.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Até amanhã. "Significa que consegui mais um dia de bom trabalho."

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Teletransporte.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Panela para cozer espargos.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Batatas fritas!

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Férias de verão.

Se fosse um meme, qual seria?
Hoje eu acordei com vontade de dormir.

Qual seria o título da sua autobiografia?
One More Time.

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Super Mario.

Qual é o seu trocadilho ou piada favorito?
Porque é que a manteiga não entrou na discoteca? Porque foi barrada!

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Tudo o que não posso fazer quando estou visível!

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Extrair *umami* através de fermento de pão.

O setor do turismo é um dos que estão a perder emprego.

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

Milagre do emprego está a chegar ao fim e já atinge turismo, indústria e construção

INE Emprego total ainda sobe, mas em setores que, no seu conjunto, representam mais de metade do mercado laboral português, destruição e estagnação já é uma realidade.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

A expansão do emprego em Portugal está a perder gás a olhos vistos: a criação líquida de postos de trabalho começou a cair em vários setores que, no seu conjunto, valem mais de metade do mercado de trabalho nacional, mostram cálculos do DN/Dinheiro Vivo a partir dos dados do novo Inquérito ao Emprego do Instituto Nacional de Estatística (INE).

No período em análise, entre o segundo trimestre de 2023 e igual período deste ano, em setores intrinsecamente ligados ao turismo como alojamento (hotelaria, incluída) e restauração, a quebra no emprego foi de 9,1%, a maior desde o segundo ano da pandemia (2021); a indústria transformadora acumula já quatro trimestres consecutivos de esvaziamento laboral, tendo destruído 1,6% de empregos; o número de postos de trabalho no setor da construção, que desde o final de 2020 esteve sempre a crescer de forma elevada, estagnou (0%) no segundo trimestre.

É verdade que o emprego total cresceu 1% no período em análise, batendo um novo máximo da série INE, mas já há analistas a avisar que a fase de forte expansão laboral que o país experimentou nos últimos três anos – desde a pior fase da pandemia que o emprego tem sempre crescido, e que permitiu atravessar a crise inflacionista com menos danos – "parece estar a esgotar-se".

> "Não deixa de ser relevante notar que o crescimento do emprego parece estar a esgotar-se: o crescimento homólogo de 1% (e de 48 500 pessoas) compara com os 2,8% (mais 139 700 pessoas) no trimestre homólogo", diz uma economista.

O volume de desemprego parece estar a aguentar, tendo, em todo o caso, subido 0,8% no segundo trimestre, depois de um alívio nos primeiros três meses deste ano. Há agora, diz o INE, 332 mil pessoas sem trabalho, mas que procuraram ativamente emprego e estavam disponíveis para trabalhar. A taxa de desemprego, que mede o peso deste grupo no total da população ativa, estabilizou em 6,1% depois de dois trimestres de queda.

Segundo Vânia Duarte, economista do departamento de estudos do BPI, observa que "a população empregada mantém uma trajetória positiva no segundo trimestre", mas "em desaceleração".

"A recuperação face ao período pré-pandemia é expressiva, com mais 291 000 postos de trabalho do que no final de 2019 (mais 6,1%)", mas "apesar do registo positivo, não deixa de ser relevante notar que o crescimento do emprego parece estar a esgotar-se: o crescimento homólogo de 1% (e de 48 500 pessoas) compara com os 2,8% (mais 139 700 pessoas) no trimestre homólogo", observa a analista.

A economista indica que "o aumento homólogo é explicado, em larga medida, por duas atividades económicas no setor dos serviços": "Os principais contributos positivos para o crescimento homólogo do emprego vieram do comércio e reparação de veículos automóveis e motociclos (mais 44 700 pessoas) e da educação (mais 38 100)".

Em contrapartida, em sentido negativo, destaca-se "a queda no setor do alojamento e restauração (menos 31 100 pessoas empregadas neste setor na comparação homóloga)".

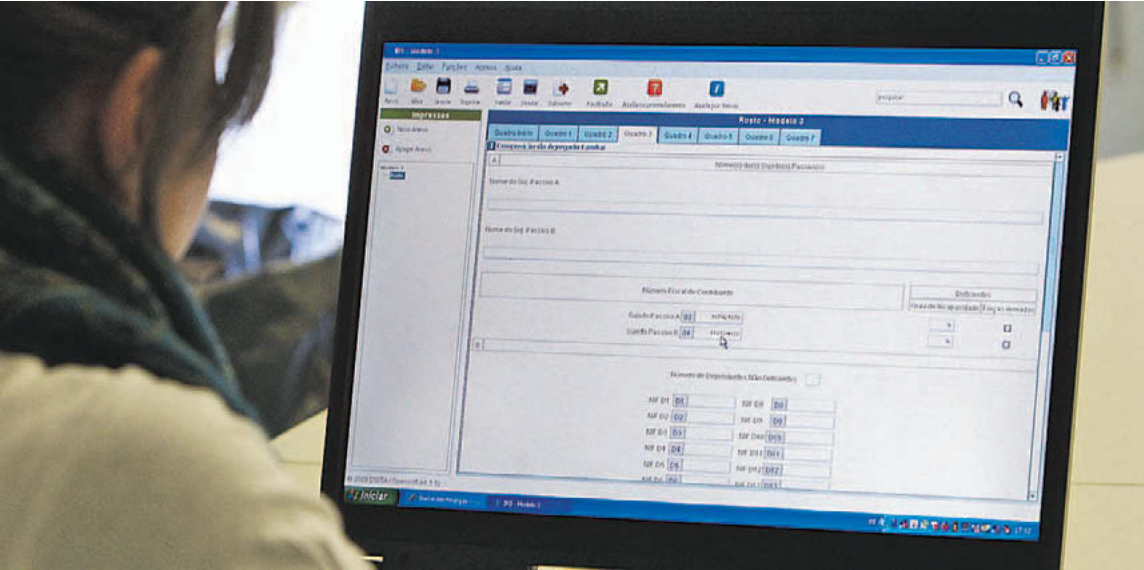
Mas há pontos positivos. Segundo Vânia Duarte, "os indicadores do emprego parecem apontar para uma estrutura mais favorável. Mais concretamente, a criação de emprego foi especialmente relevante no caso dos indivíduos com ensino superior completo, verificando-se até uma queda do emprego nos níveis básicos de escolaridade. Outro aspeto relevante prende-se com a criação de emprego com contratos sem termo (face a uma queda do emprego em contratos precários) e a tempo completo".

Seja como for, "a robustez do mercado de trabalho deverá continuar", mas com "menos vigor". "O emprego deverá continuar a evoluir de forma positiva este ano, mas a um ritmo mais lento do que os 2,6% registados, em média, nos últimos três anos, uma dinâmica explicada pela desaceleração da economia em 2024, a incerteza (em termos económicos, financeiros e geopolíticos) e os custos ainda elevados", acrescenta a analista do BPI.

Numa nota enviada aos jornais, Isabel Roseiro, diretora de marketing da consultora de recursos humanos Randstad Portugal, refere que os dados do INE "mostram algumas surpresas, nomeadamente no setor hoteleiro, onde se registam descidas contrárias à tendência do setor dos serviços, o único que tem vindo a apresentar resultados positivos no crescimento do emprego". "Contudo, há um crescimento global do emprego que é muito positivo e que continua a registar níveis históricos".

"O setor alojamento, restauração e similares registou uma diminuição de 2,1%, o que contraria a tendência de sazonalidade comum a países que, como Portugal, têm uma forte indústria turística", sobretudo nesta altura do ano, diz a análise da Randstad.

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

JOSÉ MOTA / GLOBAL IMAGENS

Taxas de retenção do IRS vão baixar a partir de setembro.

Alterações no IRS em vigor, falta saber a retroatividade

FINANÇAS Ainda se aguarda que o Governo divulgue o mecanismo para permitir devolver aos contribuintes o imposto pago a mais desde janeiro.

As alterações ao IRS aprovadas no Parlamento, como a redução de taxas e atualização das deduções específicas, foram publicadas ontem em *Diário da República* e entram hoje em vigor.

A lei aprovada no Parlamento partiu de um projeto de lei do PS, que foi depois promulgado pelo Presidente da República, apesar de o Governo argumentar que poderia ter sido pedida fiscalização preventiva.

Segundo este decreto, as taxas dos 1.º e 2.º escalões baixam, respetivamente, de 13,25% para 13% e de 18% para 16,5%, enquanto no 3.º escalão há uma redução de 23% para 22% e no 4.º escalão de 26% para 25%.

No 5.º e 6.º escalões, cujas taxas atuais são de 32,75% e 37%, as taxas recuam para, respetivamente, 32% e 35,5%.

Não há reduções nas taxas dos restantes três escalões de IRS, ao contrário do que previam a proposta inicial do Governo e um texto de substituição de PSD e CDS-PP, que apenas deixavam sem alterações o 9.º escalão.

Os limites dos escalões mudam também, sendo que o 7.º escalão passa a abranger os rendimentos coletáveis de mais de 39 791 até 43 000 euros, o 8.º de 43 000 até 80 000 euros e o 9.º abrange os rendimentos superiores a 80 mil euros (quando antes era 81 199€).

A lei prevê ainda que os limites dos escalões de rendimento coletável serão "atualizados anualmente, mediante a aplicação aos referidos limites da taxa de variação do deflator do Produto Interno Bruto [PIB] e da taxa de variação do Produto Interno Bruto por trabalhador, apuradas com base nos dados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) no 3.º trimestre do ano anterior à entrada em vigor da Lei do Orçamento do Estado".

> Apesar de a lei entrar hoje em vigor, os contribuintes só deverão sentir o alívio em setembro, quando receberem o salário ou a pensão.

Além disso, a dedução específica (cujo valor está fixado nos 4104 euros há vários anos) vai evoluir em função da taxa de atualização do Indexante de Apoios Sociais (IAS).

De acordo com simulações da consultora Ilya, a descida das taxas de IRS vai corresponder a uma redução anual do imposto que varia entre 10,08 euros e 402 euros para vencimentos na ordem dos 900 euros até aos 3000 euros brutos, respetivamente.

Apesar da lei entrar em vigor no dia seguinte à publicação, ou seja hoje, os contribuintes só deverão sentir o alívio em setembro, quando receberem o salário ou a pensão.

No entanto, está ainda por definir o mecanismo a adotar para o Governo aplicar a retroatividade das novas retenções até janeiro.

O Ministério das Finanças está a prever aplicar a solução em dois momentos: em setembro, para permitir recuperar o imposto pago a mais nos primeiros oito meses do ano, e outro em outubro, para implementar as novas tabelas, segundo noticiou o *Eco*.

DN/DV/LUSA

Novas empresas diminuem 2,1% até julho e insolvências registam aumento de 13%

O número de empresas criadas em Portugal caiu 2,1% para 31 577 até julho deste ano, menos 2,1%, enquanto as empresas com processo de insolvência aumentaram 13% para 1257 em termos homólogos, anunciou a Informa B&D.

Os diversos setores mostram comportamentos diferentes, pois enquanto metade caiu no indicador de criação de empresas, "a outra metade superou o número de constituições registadas no período homólogo", esclarece a Informa D&B em comunicado.

A construção, serviços gerais e tecnologias da informação e comunicação são os setores com maiores crescimentos absolutos na criação de empresas.

No caso da construção, atingiu 3900 novas empresas criadas nos primeiros sete meses, uma subida de 8,6%, face a idêntico período de 2023.

Já em termos de insolvências, a Informa B&D dá nota de que mais de metade dos setores de atividade viram aumentar estes processos.

No entanto, a subida concentra-se maioritariamente no setor das indústrias (+61% e +138 empresas com processos de insolvência), bem como nas indústrias de têxtil e moda, que viram o número de empresas com processos de insolvência mais do que duplicar face aos primeiros sete meses do ano passado (+108% e +113 empresas).

Em termos de encerramentos, 7029 empresas fecharam até julho, uma queda de 7,6%.

Nos últimos 12 meses, a Informa B&D indica que encerraram 14 783 empresas, menos 2% (-309 encerramentos).

A descida nos últimos 12 meses é transversal à maioria dos setores de atividade, com destaque para o retalho (-5,4% e -121 encerramentos).

Sete anos depois de fugir, Puigdemont regressa à Catalunha sob ameaça de prisão

ESPANHA Ex-presidente da *Generalitat* volta como prometido para o debate de investidura do socialista Salvador Illa, não sendo claro se este vai ou não realizar-se, já que o Junts pedirá a suspensão da sessão se o seu líder for preso.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Com um mandado de detenção ativo por alegado peculato, o ex-líder da *Generalitat* Carles Puigdemont sabia que seria preso no regresso à Catalunha. Sete anos depois de ter fugido escondido na mala de um carro para a Bélgica, após o referendo e a declaração de independência de 2017, o ex-líder do Governo catalão anunciou ontem que voltava a casa para o debate de investidura do socialista Salvador Illa. A polícia tinha ordens para o deter à primeira vista, fosse na fronteira entre França e Espanha, no evento convocado pelos apoiantes junto ao Parlamento ou quando tentasse entrar no edifício.

"Em condições de normalidade democrática, um deputado, como eu, anunciar a sua intenção de assistir a esta sessão seria desnecessário, seria irrelevante. Mas as nossas não são condições de normalidade democrática", disse Puigdemont num vídeo partilhado nas redes sociais, lembrando que o deputado Lluis Puig, ex-membro do Governo Regional, também não pode "assistir livremente" ao debate de investidura.

O ex-presidente da *Generalitat* queixa-se da "longa perseguição" de que é alvo por ter permitido que os catalães votassem no referendo – considerado ilegal pelo Governo espanhol. E critica o Supremo Tribunal por "se negar a obedecer à Lei da Amnistia que foi aprovada e está em vigor". O Junts per Catalunya negociou essa lei em troca do apoio a um novo mandato do primeiro-ministro Pedro Sánchez. A lei foi aprovada, mas o juiz Pablo Llarena, do Supremo, alega que não se aplica ao crime de peculato – apenas ao de desobediência. E manteve o mandado de detenção.

Puigdemont anunciou o seu regresso diante do risco de uma detenção "arbitrária e ilegal", considerando que esta é a prova de uma "anomalia democrática" que tem o "dever de denunciar e combater". Não por ser "independentista", mas "democrata".

MATTHIEU RONDEL / AFP

Puigdemont em campanha em maio. Hoje, Junts chamou apoiantes para "blindarem" líder até ao Parlamento.

O anúncio do ex-presidente da *Generalitat*, onde diz que já iniciou "a viagem de regresso do exílio" e não é claro onde está, surgiu depois de o Parlamento confirmar o debate de investidura de Illa para hoje. Mas o regresso de Puigdemont pode alterar o plano. O Junts, que preside ao Parlamento com Josep Rull, avisou que pedirá a suspensão da sessão se o seu líder for preso.

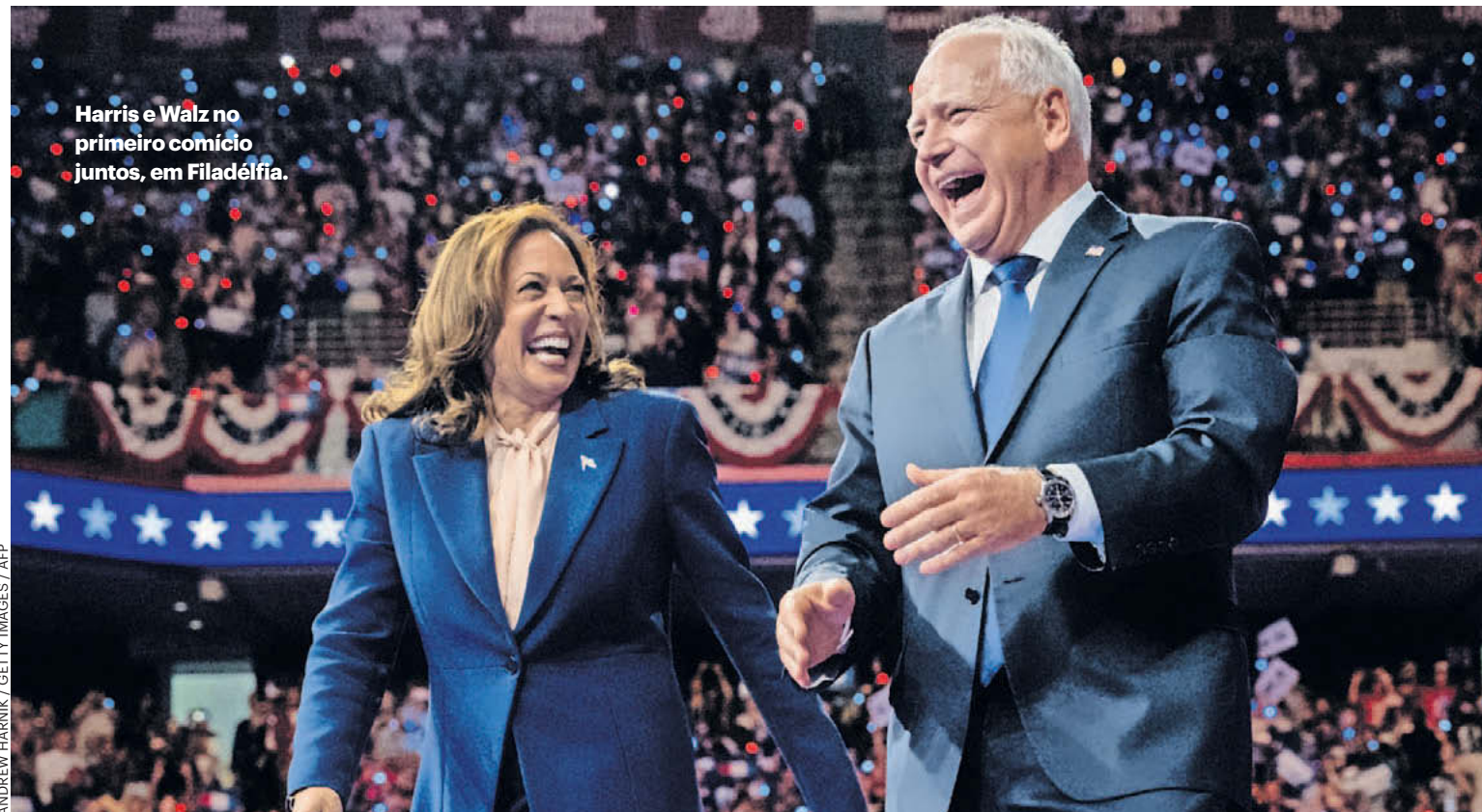
Caso ele consiga entrar no Parlamento sem ser detido, Rull pode travar a entrada da polícia no edifício, permitindo que o debate avance e a intervenção do ex-líder. Illa tem garantida a investidura, depois de ter chegado a acordo com a Esquerda Republicana da Catalunha. Um acordo que dividiu ainda mais os independentistas, com Puigdemont a acusar o partido do líder catalão, Pere Aragonès, de viabilizar um Governo "espanholista".

> Polícia reforçou a segurança em torno do Parlamento catalão, bloqueando todas as entradas exceto uma. Objetivo é impedir a entrada de Puigdemont.

Para tentar "blindar" a entrada de Puigdemont, foram convocados os seus apoiantes e membros da sociedade civil independentista. O ponto de encontro é às 9.00 horas (8.00 em Lisboa) – uma hora antes do debate de investidura – no Passeig Lluís Companys (rua batizada em nome do presidente da *Generalitat* durante a Guerra Civil, que viveu no exílio e acabou fuzilado). Os *Mossos d'Esquadra*, a polícia catalã, reforçaram a segurança em torno do edifício do Parlamento, bloqueando todas as entradas exceto uma.

Se Puigdemont for preso, como é esperado, será presente a um juiz, que comunicará ao Supremo a detenção. Caberá a este tribunal decidir a situação do detido, seja a transferência para ser ouvido em Madrid (apesar de o juiz Llarena ter sido visto na Catalunha), libertá-lo e convocar para que seja presente ao Supremo numa data posterior ou decidir a sua prisão preventiva, alegando, nomeadamente, risco de fuga.

Puigdemont contestará tudo isso, devendo o seu caso acabar no Tribunal Constitucional – onde já era suposto ir, uma vez que o ex-presidente da *Generalitat* contesta o facto de o juiz Llarena recusar aplicar a amnistia. Por estar detido, o caso poderá contudo ser decidido mais rapidamente, já que terá prioridade.

susana.f.salvador@dn.pt

Harris e Walz no primeiro comício juntos, em Filadélfia.

ANDREW HARNIK / GETTY IMAGES / AFP

Como o "treinador Walz" olha para o exterior

EUA Candidato a vice tem relação especial com a China, defende as alianças existentes e uma abordagem equilibrada com Israel e Palestina.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Tim Walz, de 60 anos, foi anunciado como candidato a vice-presidente na terça-feira, e horas depois foi apresentado por Kamala Harris como o "treinador Walz", um "líder que ajudará a unir" e "fazer avançar" os EUA, um "lutador pela classe média", e um "patriota que acredita na extraordinária promessa da América" no primeiro comício em que se apresentaram juntos, em Filadélfia. A falar para uma audiência doméstica, o governador do Minnesota deu-se a conhecer, desde a sua infância e juventude rural no Nebraska à sua experiência enquanto militar, professor, treinador de futebol americano e congressista, mas não gastou latim sobre a sua visão geopolítica.

Walz – que recebeu elogios da ala mais progressista à ala mais conservadora dos democratas – deu nova prova de como se relaciona com os eleitores. Além do passado vitorioso nas corridas para congressista e governador, deu o tom para a campanha de Kamala Harris, ao lamentar a ascensão do extremismo que tomou conta do Partido Republicano. "Não gostamos do que aconteceu quando nem sequer podemos ir ao jantar de Ação de Graças com o nosso tio porque acabamos numa discussão estranha e desnecessária. Estes tipos são simplesmente estranhos", disse na MSNBC. Já como candidato mostrou que vai ser combativo. "[Trump] não sabe o que é servir porque está demasiado ocupado a servir-se", afirmou no comício, antes de uma segunda farpa: "Levou a nossa economia ao fundo do poço, e não se enganem: os crimes violentos aumentaram com Donald Trump. Isto sem contar com os crimes que ele cometeu."

Também no que respeita à sua visão das relações externas, Walz contrasta com o isolacionismo defendido pelo ex-presidente e seu número dois, J.D. Vance. Este, enquanto representante, foi um dos responsáveis pelo atraso de meses na aprovação de apoio à Ucrânia. Aliás, defende que é do "melhor interesse para os EUA" que Kiev ceda território à Rússia. Walz mostrou-se solidário para com os ucranianos desde o início da invasão e em fevereiro assinou um acordo de cooperação agrícola do seu estado com a região de Chernihiv. "Uma política externa que respeite as nossas alianças é o caminho, e não uma que se afeiçoe a ditadores como Putin e Orbán", disse. Trump recebeu há dias o primeiro-ministro húngaro, a quem não poupa elogios.

Walz tem uma relação afetiva com a China: foi professor na região de Cantão em 1989. Nos anos seguintes, o professor de Sociologia organizou com a mulher Gwen viagens de verão à China. Enquanto representante, promoveu projetos de lei a censurar Pequim no capítulo do direitos humanos, embora tenha discordado da guerra comercial de Trump. Já este, ao mesmo tempo que defende a dureza para com o regime comunista, atacou Taiwan, ao afirmar que "nada dá" aos EUA e que tem de pagar pela sua defesa. Sobre Israel e Palestina, Walz apresenta-se salomónico, ao defender a solução dos dois Estados, de Israel retaliar do ataque de 7 de outubro, mas de as vidas civis serem poupadas. "É possível defender coisas conflituantes", afirmou.

cesar.avo@dn.pt

Bandeira somali e fábrica de escadotes

Não demorou um fósforo para as redes sociais disseminarem desinformação sobre Walz. Uma delas pretende ligar a nova bandeira do estado de Minnesota – do qual o candidato a vice é governador – a uma homenagem à Somália, um dos países que Trump incluiu num veto migratório, e país de origem de Ilhan Omar, representante democrata do grupo mais à esquerda The Squad. A outra é a de que Walz iria investir numa fábrica de escadotes para ajudar os imigrantes a passar a fronteira do México. As declarações do democrata à CNN foram truncadas, nas quais este propôs uma nova política migratória.

BREVES

Yunus exorta a "reconstruir" o Bangladesh

"Tenham calma e estejam preparados para reconstruir o país", disse ontem o Nobel da Paz de 2006, Muhammad Yunus, aos compatriotas, antes do esperado regresso ao Bangladesh para liderar o governo interino. Após um mês de protesto, a primeira-ministra Sheikh Hasina, que estava há 15 anos no poder, fugiu do país. "Se escolhermos o caminho da violência, tudo será destruído", acrescentou o pioneiro do microcrédito, de 84 anos, que era o favorito dos manifestantes para assumir a transição. Yunus estava no estrangeiro, tendo deixado o Bangladesh após ter sido condenado a seis meses de prisão por um crime laboral, que dizia ser politicamente motivado. Um tribunal ilibou-o ontem do crime.

Tailândia dissolve partido da oposição

O Tribunal Constitucional da Tailândia decidiu ontem dissolver o partido pró-democracia Move Forward, sob a acusação de tentar desestabilizar a monarquia, e banir da atividade política o seu líder Pita Limjaroenrat por dez anos. A decisão foi por unanimidade. Depois de ter vencido as eleições gerais do ano passado, o partido Move Forward não conseguiu formar governo porque os membros do Senado, na altura um órgão conservador nomeado pelos militares, recusaram apoiar o seu candidato a primeiro-ministro. O partido, que defende alterações à lei que protege a monarquia de críticas com penas que podem ir até 15 anos de prisão, passou então a liderar a oposição.

GOVERNADOR REGIONAL DE KURSK / AFP

A região russa de Kursk tem estado debaixo de fogo nos últimos dois dias.

Kiev ataca em força na fronteira com a Rússia

GUERRA Incursão ucraniana na região russa de Kursk, apelidada por Moscovo como bárbara, levou à retirada de milhares de civis.

TEXTO **ANA MEIRELES**

A Rússia lutou ontem, pelo segundo dia consecutivo, contra uma grande incursão transfronteiriça da Ucrânia, levando as autoridades a retirar vários milhares de civis devido aos combates. A incursão começou na manhã de terça-feira, com o Ministério da Defesa russo a anunciar que tinha mobilizado fogo aéreo e de artilharia para repelir as tropas ucranianas que invadiam a região ocidental de Kursk. Ontem, Vladimir Putin acusou Kiev de atacar edifícios civis, anunciando que se iria reunir com os serviços de segurança para discutir uma resposta.

"O regime de Kiev levou a cabo outra provocação em grande escala", afirmou o presidente russo. "Está a disparar indiscriminadamente vários tipos de armas, incluindo *rockets*, contra edifícios civis, casas e ambulâncias", acrescentou Putin.

Vários influentes bloguistas militares russos criticaram os líderes militares do país por não terem conseguido impedir este grande ataque ucraniano, considerado uma das mais graves incursões fronteiriças levadas a cabo por combatentes pró-Kiev. "O inimigo tem vindo a acumular forças há dois meses", referiu numa publicação o canal Rybar, que tem ligações às tropas russas. "Durante dois meses toda a informação foi enviada para a sede inútil. Houve tempo suficiente para tomar uma decisão apropriada", acrescentou.

De acordo com as autoridades russas, pelo menos cinco civis foram mortos e 24 feridos desde o início da incursão. O governador regional de Kursk, Alexei Smirnov, adiantou que foram retiradas da região milhares de pessoas e cancelados ajuntamentos.

> Vários bloguistas militares russos criticaram os líderes do país por não terem conseguido impedir este grande ataque.

A Ucrânia anunciou também a retirada obrigatória de milhares de pessoas de uma zona fronteiriça próxima da região russa de Kursk – cerca de seis mil pessoas, incluindo 425 crianças, segundo o governador regional Volodymyr Artiukh.

Ontem, a Ucrânia ainda não tinha reclamado a responsabilidade pela incursão. No entanto, o conselheiro presidencial ucraniano, Mykhailo Podolyak, aludiu aos ataques, afirmando que Moscovo usou as suas "regiões fronteiriças impunemente para ataques aéreos e de artilharia maciços".

Já a porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo, Maria Zakharova, classificou esta incursão como "bárbara", pedindo "à comunidade internacional para que não fique parada e condene resolutamente as ações criminosas do regime de Kiev".

ana.meireles@dn.pt

Opinião
João Almeida Moreira

Lula e os elefantes

Na sala de Lula da Silva no Palácio do Planalto, além de mesas imponentes e cadeiras confortáveis, de tapetes caros e de quadros de autor, está lá, no canto, um elefante: chama-se Nicolás Maduro.

Maduro é um elefante na sala de Lula, desde logo, por causa da aliança histórica entre lulismo e chavismo: quando os adversários do atual presidente do Brasil querem assustar os eleitores de centro inventam que, com ele no poder, o país "vai virar uma Venezuela", agitando os números económicos mais recentes do "regime bolivariano" – recuo de 62% do PIB de 2013 para 2023, 68% de pobreza extrema e 63,3% de inflação.

Além disso, o elefante Maduro ameaçou, no final do ano passado, tomar a Província de Essequibo, equivalente a 70% da área da Guiana, invadindo para esse efeito, se necessário fosse, território brasileiro.

Mais: o paquiderme venezuelano, depois de sugerir que a Venezuela cairia num "banho de sangue" em caso de vitória da oposição nas eleições de 28 de julho e ouvir Lula manifestar preocupação por esse desatino, mandou o presidente brasileiro "tomar chá de camomila" para se acalmar.

Depois, como resposta a um pedido do Brasil por eleições justas, Maduro igualou a sua manada à manada de Jair Bolsonaro ao lançar suspeições estapafúrdias sobre o rápido, eficaz e fiável Sistema Eleitoral brasileiro.

Já após o sufrágio, aliás, irritado com o pedido do Centro Carter para divulgação imediata dos resultados por secção de voto, tomou as dores de Donald Trump ao perguntar por que razão aquela ONG não se manifestou quando o candidato republicano acusou, sem provas, as eleições americanas de 2020 de fraude.

Porque Maduro, no fundo, fez por estes dias o que Trump, em 2021, e Bolsonaro, em 2023, quiseram fazer, mas não conseguiram graças à solidez das instituições dos EUA e do Brasil, que as da Venezuela não têm.

Posto isto, enquanto algumas das democracias da América Latina de direita e de centro já decidiram reconhecer o candidato de oposição como vencedor – casos de Argentina, Uruguai, Peru e outras –, a Lula, olhando de soslaio com indisfarçável incómodo para o elefante no canto da sua sala no Planalto, restou, assim como aos homólogos de centro-esquerda da Colômbia, do México e outros, dizer que só se pronuncia depois de ver as atas eleitorais.

Uma posição diplomática desconfortável, mas equilibrada: mantém compromisso, acima de tudo, com a democracia, sem, para já, avalizar nem o discurso de Maduro, nem o da oposição.

A posição diplomática equilibrada, porém, desequilibrou-se dias depois quando a comissão executiva nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), a força política fundada por Lula e cuja atuação se confunde com a do presidente, soltou uma nota apressada e suicida onde reconhece "o agora reeleito Maduro".

O PT, portanto, sem combinar com o Governo que diz apoiar, legitimou o mesmo Maduro que desafia as fronteiras territoriais do Brasil, que desrespeita Lula, que faz coro com Bolsonaro contra o Sistema Eleitoral brasileiro e cujo regime, autoritário e ruinoso, quando associado à esquerda brasileira se traduz na perda de milhões de votos de democratas de centro.

Em suma, na sala de Lula no Planalto, além de mesas imponentes e cadeiras confortáveis, de tapetes caros e de quadros de autor, há dois elefantes, Nicolás Maduro e o PT.

Jornalista, correspondente em São Paulo

Segundo a lenda chinesa, todos os anos, na noite do *Festival de Qixi*, forma-se uma "Ponte das Andorinhas" sobre a Via Láctea de modo a que o Vaqueiro e os seus filhos a cruzem para se encontrarem com a Tecelã.

O *Festival de Qixi*: o mais romântico festival tradicional chinês

Tendo por origem a lenda chinesa de amor entre o Vaqueiro e a Tecelã, o *Festival de Qixi* é considerado como o "Dia chinês de São Valentim", em que os namorados expressam o seu amor e manifestam a esperança de que seja duradouro.

O *Festival de Qixi*, celebra-se no 7º dia do 7º mês no calendário lunar chinês. Este ano cai a 10 de agosto. No passado, o festival era para rezar por bênçãos e aptidões artesanais. Posteriormente, a lenda da paixão do Vaqueiro e da Tecelã, muito popular na China, ligou o *Festival de Qixi* ao amor, conferindo-lhe um tom romântico. Assim, o festival é conhecido também como o "Dia chinês de São Valentim".

Reza a lenda que a Tecelã era uma fada celestial habilidosa em tecelagem e responsável diariamente por tecer as nuvens. O Vaqueiro, por sua vez, era um trabalhador, mortal e bondoso, que vivia de pastorear o gado. Cansada da vida na Corte Celestial, um dia a Tecelã desceu clandestinamente à Terra para se divertir, e encontrou o Vaqueiro. Ficou apaixonada por ele à primeira vista e os dois casaram-se, viveram uma vida feliz e tiveram dois filhos.

No entanto, o casamento entre uma fada e um mortal era contra as leis celestiais. Quando o Imperador Celestial soube disso, ficou furioso, levou a Tecelã de volta para o céu, e até colocou a Via Láctea entre eles, fazendo com que o Vaqueiro e a Tecelã só pudessem olhar um para o outro através dessa imensa distância. Felizmente, o amor deles comoveu as andorinhas, que formaram uma "Ponte das Andorinhas" sobre a Via Láctea, permitindo que o Vaqueiro a cruzasse com os seus filhos para se encontrar com a esposa.

As peças clássicas chinesas de amor, como *Sonho do Pavilhão Vermelho* e *Os Amantes Borboleta*, sobem aos palcos dos teatros na noite do Festival de Qixi, criando uma atmosfera romântica para o público. O espectáculo da foto realizou-se em Nanjing, em agosto de 2023.

Um casal aproveitou o dia do *Festival de Qixi*, em agosto de 2023, para registar o seu casamento no Departamento dos Assuntos Civis de Shijiazhuang, Província de Hebei, no norte da China, e tirou fotografias como recordação.

O Imperador Celestial foi comovido por esse amor sincero e permitiu o encontro dos dois uma vez por ano, na noite de 7 de julho. É esta a lenda popular associada ao *Festival de Qixi*.

Na verdade, a lenda d'*O Vaqueiro e a Tecelã* reflete o conhecimento astronómico e a imaginação romântica dos antepassados chineses sobre os fenómenos celestes e meteorológicos. Eles deram o nome de "Estrela do Vaqueiro" à Altair, que é a estrela mais brilhante da Constelação de Aquila, e de "Estrela da Tecelã" à Lyra, sendo a estrela mais luminosa da Constelação de Lira, localizada do outro lado da Via Láctea. Anualmente, próximo do 7º dia do 7º mês no calendário lunar chinês, a Estrela da Tecelã alcança o ápice da sua visibilidade, destacando-se juntamente com a Estrela do Vaqueiro nos dois lados da Via Láctea.

Há duas estrelas menores próximas da Estrela do Vaqueiro "β e γ", como se fossem os dois filhos do Vaqueiro e a Tecelã. São estes fenómenos astronómicos que justificam a lenda de amor.

É também interessante saber que, durante o *Dia de Qixi*, há geralmente chuva no norte da China, conhecida como as "lágrimas da Tecelã". Diz-se que são as lágrimas derramadas pela Tecelã no dia do reencontro com o Vaqueiro, simbolizando a saudade e a tristeza pela separação.

Antigamente, o *Festival de Qixi* era exclusivamente dedicado às mulheres, sendo também conhecido como *Festival das Filhas* e *Festival de Qiqiao* (devido à lenda de que a Tecelã possuía mãos habilidosas, e os idosos aconselhavam as jovens a aprenderem com a habilidade da Tecelã para terem um bom destino, daí o dia também se chamar *Festival de Qiqiao*).

Neste dia especial, as mulheres reuniam-se e realizavam rituais em homenagem à Tecelã, com a esperança de melhorar as suas aptidões artesanais e assegurar um casamento feliz. Visando partilhar a habilidade culinária, preparavam também uma abundância de doces fritos chamados *Qiao Guo*, cujos ingredientes incluíam óleo, farinha, açúcar, mel e sésamo.

Por outro lado, realizava-se um jogo chamado *Chuan Zhen Qiqiao*, que é uma competição para enfiar agulhas e fios sob a luz da lua, e a vencedora receberia as bênçãos da Tecelã, tanto no casamento quanto na família.

Em 2006, o *Festival de Qixi* foi incluído na primeira lista de Património Cultural Imaterial da China bem como as respetivas tradições populares: o pedido das aptidões artesanais da Tecelã (*Qiqiao*), a busca de parceiro amoroso, a veneração da Tecelã e o consumo de *Qiao Guo*.

Nos últimos anos, tem havido cada vez mais jovens chineses a celebrarem o *Festival de Qixi* como o *Dia de São Valentim*: trocam presentes e desfrutam de jantares românticos à luz de velas. Há outros que passeam por cidades e ruas históricas com trajes tradicionais chineses *Hanfu* e a soltam lanternas *Kongming* para expressarem os seus desejos e sonhos de amor.

Além disso, o *Festival de Qixi* já é uma das datas mais procuradas para o registo de casamento, com cada vez mais casais a registarem o ato neste dia.

As tradições populares e culturais do *Festival de Qixi* foram bem preservadas e promovidas ao longo dos anos e, hoje em dia, têm novas formas e conotações, tornando-se sem dúvida o festival tradicional chinês mais romântico.

Se tiverem interesse pela cultura chinesa, estejam à vontade para deixarem os vossos comentários através do *e-mail*: *contato.cultchina@gmail.com*.

INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

Pichardo na final do triplo com um salto e Pimenta e Portela nas meias da canoagem

PORTUGUESES Canoístas cumpriram primeiro objetivo sem problemas, tal como o triplista Campeão Olímpico que defenderá o título amanhã. Regata de atribuição das medalhas na Classe 470 prevista para ontem foi adiada para hoje.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Mal deu para aquecer. Pedro Pichardo qualificou-se para a final do triplo salto dos Jogos Olímpicos Paris2024, com apenas um salto. O Campeão Olímpico em Tóquio2020 deu assim um sinal importante à concorrências ao conseguir uma marca de 17,44 metros na primeira tentativa na qualificação, numa jornada em que Fernando Pimenta, outro medalhado em Tóquio2020, avançou confortavelmente para as meias-finais.

No triplo salto, Tiago Pereira falhou a qualificação ao ser 25.º classificado com 16,36m na sua derradeira tentativa, depois de um salto de 15,84m e 15,96m, ficando fora dos 12 primeiros que se apuravam. "Não sei, não há explicação, mesmo, para o que aconteceu. Eu, realmente, estou bem fisicamente, as corridas estavam muito rápidas, estava a correr bem e rápido, consegui não fazer nulos, que é o meu normal, mas hoje, simplesmente, não aconteceu", disse o atleta do Sporting.

Sobre a final e se Pichardo pode conquistar o Ouro para Portugal, tendo em conta o que viu de todos os concorrentes, Tiago Pereira disse que quer apenas "que ganhe o melhor".

Pichardo fez a melhor marca da qualificação. E depois de esperar pela conclusão da primeira ronda de saltos, o Campeão Olímpico abandonou a pista e recusou-se a falar com os jornalistas na zona mista, limitando-se a lançar um "no final" sem sequer parar. A final é amanhã, às 19.13 de Lisboa, com o triplista a procurar ser bicampeão, um título inédito no desporto nacional. Nenhum dos outros Campeões Olímpicos (Carlos Lopes, Rosa Mota, Fernanda Ribeiro, Nelson Évora) revalidou o título.

Ainda ontem, na canoagem, Fernando Pimenta mostrou-se satisfeito com a gestão que fez da prova de K1 1000 metros. "Apesar de ter conseguido vencer, as sensações foram um bocado esquisitas. Tenho ainda de rever a prova com o meu treinador e ver o que é que ele diz. Acho que consegui fazer uma boa gestão de prova, senti que ainda havia mais qualquer coisinha para dar. O primeiro passo está dado, a primeira competição está feita, já me safei de fazer uma semifinal, o que é bastante bom também", disse o canoísta português, que procura em Paris conquistar uma terceira Medalha Olímpica.

Pimenta já tem uma de Prata, que conquistou com Emanuel Silva em Londres2012, em K2 1000 metros e uma de Bronze em Tóquio2020, em K1 1000 metros.

Campeão do Mundo da distância em 2023, o canoísta de 34 anos, confessou ainda que ficou "ligeiramente preocupado" com a "água bastante mexida, que parecia que tinha uma ondulação um bocado esquisita" e o surgimento de algumas algas. Nada que o impeça de dar o seu melhor nas meias-finais: "Agora, é descansar, recuperar, fazer mais uns treininhos, para, no sábado, me sentir em condições e bem para lutar por um lugar na final."

O mesmo objetivo que Teresa Portela ambiciona, depois de ontem se qualificar para as meias-finais da prova de K1 500 metros ao ser 4.ª classificada da segunda série dos quartos-de-final. Nos seus quintos Jogos, a experiente canoísta sentiu-se bem: "Não sei se foi a minha melhor prova, mas senti que consegui ir com elas e isso deixa-me com confiança e sem medo. Sinto-me preparada. Acho que no sábado vai estar melhor, mas gosto, o ambiente é bom e tem muitos portugueses a gritar."

As meias-finais de K1 500 metros estão marcadas para sábado, pelas 09.30 em Lisboa, tal como a final principal, que se realiza às 12.00 horas.

O *skater* Thomas Augusto estreou Portugal na vertente *park* em Jogos Olímpicos e falhou o acesso à final, depois de ter terminado a qualificação fora dos oito primeiros.

Apesar disso, o *skater* português de 20 anos mostrou-se hoje "muito feliz" com a estreia nos Jogos Olímpicos, por ter andado "o que queria andar" nas qualificações de *park*, prometendo tentar chegar ao pódio em Los Angeles2028: "Estou muito orgulhoso também de ter Portugal aqui no meu peito."

Um salto chegou para Pichardo se apurar para a final do triplo salto.

JOSÉ SENA GOULÃO / LUSA

EPA / MAXIM SHIPENKOV

O momento em que Pimenta corta a meta em 1.º lugar na sua série.

PORTUGUESES HOJE EM AÇÃO

6.30 – Angélica André (Natação, 10km águas abertas)
9.25 – Eliana Bandeira e Jéssica Inchude (Atletismo, qualif. do lançamento do peso)
10.43 – Carolina João e Diogo Costa (Vela, classe 470, *medal race*)
16.00 – Iúri Leitão (Ciclismo de pista)
18.35 – Salomé Afonso (Atletismo, meias-finais dos 1500 metros)

Medal race adiada

A *medal race* da classe 470 dos Jogos Olímpicos Paris2024, na qual vão participar os velejadores portugueses Carolina João e Diogo Costa, foi ontem adiada para hoje – deve começar às 10.43 – devido à falta de vento em Marselha. A dupla portuguesa parte a 14 pontos da 3.ª posição, ocupada pelos japoneses Keiju Okada e Miho Yoshioka. E sendo que os pontos conquistados na regata decisiva valem a dobrar.

A dupla portuguesa tentará hoje conquistar uma medalha, algo que foge à vela portuguesa desde Atlanta1996, quando Vítor Hugo Rocha e Nuno Barreto conquistaram o Bronze na Classe 470, a mesma de Carolina João e Diogo Costa em Paris2024.

A falta de vento também levou ao cancelamento na disciplina *kite* e assim a portuguesa Mafalda Pires de Lima disse adeus aos Jogos como 14.ª classificada.

isaura.almeida@dn.pt

Dois triatletas portugueses doentes após nadarem no Sena

SAÚDE Vasco Vilaça com sintomas agudos de infeção gastrointestinal. Nadadora Angélica "tranquila" para a prova de águas abertas no rio.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Os portugueses Vasco Vilaça e Melanie Santos desenvolveram sintomas de infeção gastrointestinal, depois de terem disputado as provas de triatlo, que incluiu 1,5km de natação no Rio Sena, onde Angélica André deve hoje competir nos 10Km de águas abertas.

De acordo com o Comité Olímpico de Portugal (COP), Vasco Vilaça tem sintomas mais agudos do que Melanie Santos, embora ambos estejam estáveis. O organismo informou ainda que "todas as medidas estão a ser tomadas por parte da equipa de Saúde COP, para a monitorização e prover, na Aldeia Olímpica, o tratamento conservador devido ao atleta". Já Melanie Santos voltou ontem a Portugal, tal como Ricardo Batista.

Segundo o COP, "a World Triathlon, federação internacional da modalidade, garantiu, nos dias de competição de triatlo, que a avaliação da qualidade da água cumpria com os regulamentos definidos" e por isso a prova masculina foi adiada por 24 horas.

Vasco Vilaça foi 5.º classificado na prova individual de triatlo, enquanto Melanie Santos foi 45.ª, com os dois a juntarem-se a Ricardo Batista e Maria Tomé na estafeta mista, com Portugal a terminar na 5.ª posição.

Ontem, a qualidade da água tinha melhorada e permitido os treinos das atletas que hoje (devem) nadar os 10Km da prova de natação de águas abertas. Em declarações à Lusa, Daniel Viegas, diretor técnico nacional garantiu que a Vicecampeã Mundial estava "tranquila", apesar dos problemas gastrointestinais que afetaram dois triatletas portugueses após nadarem no Sena.

COP

Melanie Santos está doente, mas conseguiu viajar para Portugal.

"Ela está perfeitamente tranquila, confiante. Vai fazer a sua competição e dar o seu melhor. Tem de lidar com isso, como fazemos sempre. Já temos situações anteriores dessas, melhores, piores, parecidas", comentou, revelando que o tema da qualidade da água é recorrente nas competições dos circuitos internacional e nacional.

Daniel Viegas revelou que tem havido "muita pressão" para que as águas abertas mudem para a pista onde decorrem as provas de canoagem e remo a 20Km de Paris, contudo esta alternativa, para domingo, será apenas o plano D, uma vez que o plano B é adiar a competição um ou dois dias se necessário, com o veredicto dado no próprio dia às 4.00 horas da manhã.

isaura.almeida@dn.pt

TOP-10 DE MEDALHAS

País	Total	Ouro	Prata	Bronze
1.º Estados Unidos	**93**	26	35	32
2.º China	**65**	25	23	17
3.º Austrália	**41**	18	12	11
4.º França	**49**	13	16	20
5.º Grã-Bretanha	**49**	12	17	20
6.º Japão	**31**	12	6	13
7.º Coreia do Sul	**26**	11	8	7
8.º Itália	**27**	9	10	8
9.º Países Baixos	**20**	9	5	6
10.º Alemanha	**17**	8	5	4
72.º PORTUGAL	**1**	0	0	1

EPA / CHRISTIAN BRUNA

Rojé Stona de Ouro com recorde no disco

Surpresa no lançamento do disco! Rojé Stona ficou com o Ouro ao superar o lituano Mykolas Alekna, que ainda bateu o Recorde Olímpico do pai (Virgilijus), antes de ver o jamaicano lançar a 70 metros e roubar-lhe a glória em dose dupla. O Bronze foi para o australiano Matthew Denny.

ARUN SANKAR / AFP

Arrepiante lesão de atleta neerlandesa

Os Países Baixos venceram a Argentina (3-0) e conseguiu um lugar na final do hóquei em campo. Um jogo marcado pela lesão no rosto de Joosje Burg, que levou com uma bola na cara e ficou a sangrar abundantemente.

EPA / MOHAMMED BADRA

Paris coroou bicampeão Keegan Palmer

Numa final de tirar o fôlego, o australiano Keegan Palmer sagrou-se Bicampeão Olímpico de *skate park* masculino. A Prata foi para o norte-americano Tom Schaar e o Bronze para o brasileiro Augusto Akio.

Nenê, de 41 anos, é o goleador do estreante AVS e irá reencontrar o Santa Clara, com quem teve um duelo à chuva na época passada, na II Liga.

ARQUIVO / GLOBAL IMAGENS

Promovidos querem manter a tendência das últimas épocas e evitar o "sobe e desce"

I LIGA Apenas em 2020/2021 as duas equipas que subiram acabaram por descer à II Liga. O veterano Nenê, melhor marcador no segundo escalão na última época ao serviço do AVS, conta ao DN como é a complicada luta pela manutenção na elite do futebol português.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ**

Nenê, veterano ponta-de-lança brasileiro, não marcou nas duas partidas do *play-off* com o Portimonense no final da época passada que levaram o AVS SAD ao acesso inédito à I Liga, mas foi muito por causa de seus golos – foram 23 no total – que a sua equipa alcançou tal façanha. Melhor marcador da II Liga 2023/24, Nenê prepara-se agora para voltar a disputar a elite do futebol nacional, competição que tão bem conhece dos tempos em que representou Nacional e Moreirense.

O desafio é manter o clube na I Liga, algo que os recém-promovidos têm conseguido com certo sucesso nos últimos anos. Na última época, por exemplo, os três que conseguiram o acesso no ano anterior (Moreirense, Estrela da Amadora e Farense) foram capazes de cumprir o objetivo da manutenção entre os grandes.

"O primeiro objetivo é a nossa permanência. Claro que temos condições de disputar coisas maiores, mas no mundo do futebol não é fácil. O AVS tem apenas dois anos de existência e houve uma reformulação grande da época passada para esta: novos jogadores e nova equipa técnica. Por isso é preciso ter os pés no chão, assimilar bem as mudanças de esquema tático, adaptar a um novo estilo de jogo para tentar não só a manutenção, mas surpreender com algo a mais", disse ao DN o avançado de 41 anos.

Após conseguir duas vitórias nas partidas com o Portimonense, o AVS SAD juntou-se ao campeão Santa Clara e ao Nacional como clubes promovidos à elite, mas viu o treinador Jorge Costa sair do projeto para assumir um cargo diretivo no FC Porto. Vítor Campelos, que na última época esteve a serviço do Gil Vicente, assumiu o comando da equipa.

A estreia desta equipa estreante na I Liga é precisamente frente ao clube que projetou Nenê para a sua longa carreira na Europa: o Nacional. Foi no emblema da Madeira que deu os seus primeiros passos no *Velho Continente* e onde se tornou melhor marcador da I Liga na época 2008/2009, com 20 bolas na rede numa campanha que levou o Nacional ao 4.º lugar no campeonato e a qualificação para a Liga Europa, pela terceira vez na história do clube. Depois disso, Nenê esteve quase 10 anos em Itália, onde jogou no Cagliari, Verona, Spezia e Bari, antes de regressar a Portugal para defender Moreirense e Leixões após o que rumou ao Vilafranquense, clube que transferiu a sede para a Vila das Aves e se transformou em AVS SAD, em 2023.

"O Nacional é um clube que vou levar sempre comigo, seja agora, ainda a jogar, seja quando eu parar. A estreia vai ser especial também por isso: o pessoal acha que, pela idade, essas coisas passam, mas a minha ansiedade é grande para o jogo de sábado. É o meu regresso à I Liga, a estreia do AVS na elite e, ainda por cima, frente ao clube que me abriu as portas para fazer toda a minha carreira no futebol europeu. É um clube pelo qual tenho muito carinho, mas hoje defendo as cores do AVS e vou dar o meu máximo para ganharmos", contou o veterano.

Para ajudar a cumprir os objetivos, o goleador que diz pensar em marcar "10 a 12 golos" esta época no campeonato terá a companhia de um compatriota que também está de volta a Portugal: o médio Lucas Piazón, que já teve passagens por clubes como Chelsea, Málaga e Frankfurt e que na última época esteve emprestado pelo Sp. Braga ao Botafogo, chega como principal contratação do clube nortenho.

Nacional tenta mudar de vida

Foram poucos os clubes nos últimos dez anos que não conseguiram manter-se na I Liga no ano seguinte à subida.

Tiago Margarido estreia-se como treinador na I Liga ao serviço do Nacional.

Moreirense é um exemplo a ser seguido

Quando Gonçalo Franco marcou o 2.º golo da equipa do Moreirense na vitória sobre o Estoril por 2-1, o clube de Moreira de Cónegos bateu o recorde de pontos de uma equipa recém-promovida à I Liga, nos últimos anos. Antes disso, a melhor campanha no escalão principal num recém-promovido pertencia ao Famalicão, que na temporada 2019/20 alcançou o 6.º lugar, com 54 pontos, muito à custa de uma equipa com vários jogadores talentosos, como Pedro Gonçalves e Toni Martínez, mas também o defesa argentino Neuhén Pérez, os médios Uros Racic e Guga Rodrigues e os atacantes Diogo Gonçalves, Rúben Lameiras e Fábio Martins.
Na última época, o Moreirense atingiu a mesma classificação, mas com um ponto a mais do que o clube de Vila Nova de Famalicão, quatro anos antes. O emblema alviverde é um exemplo a ser seguido por Santa Clara, Nacional e AVS de que é possível sonhar mais do que apenas com a permanência no ano seguinte ao acesso. Esta temporada, a vida do Moreirense tende, no entanto, a ser mais

Rui Borges
Ex-treinador do Moreirense

complicada do que na última. É que viu o treinador Rui Borges mudar-se para o V. Guimarães. Para o seu lugar, o clube presidido por Vítor Magalhães contratou César Peixoto, que regressa ao clube após três anos. Gonçalo Franco, autor do golo que garantiu o recorde de pontos ao Moreirense na principal competição nacional, foi outro que deixou o clube, mudando-se para o Swansea City, clube galês que disputa o *Championship*, o segundo escalão inglês. Neste sentido, manter o nível da última época não será tarefa fácil...

União da Madeira (2015/2016) e Farense (2020/2021) foram dois deles e o Nacional, por sua vez, alcançou a marca negativa nas últimas duas promoções.

Após sagrar-se Campeão da II Liga em 2017/2018, o clube acabou no penúltimo lugar do escalão principal na temporada seguinte. Já em 2020/2021, o emblema madeirense amargou como *Lanterna Vermelha* da I Liga, após conseguir o acesso por ocupar o 1.º lugar no segundo escalão em 2019/2020. Este campeonato acabou por ser suspenso devido a pandemia de covid-19, pelo que os dois primeiros colocados no momento da paralisação foram automaticamente promovidos.

A temporada 2020/2021, diga-se, foi a única nos últimos anos nas quais os dois clubes promovidos na época anterior foram despromovidos. Nas outras, pelo menos um dos que sobe consegue manter-se.

Após ter sido vice-campeão da II Liga na temporada passada, o clube presidido por Rui Alves aposta na capacidade do treinador Tiago Margarido para não repetir as duas últimas campanhas na elite do futebol português. A última época foi a primeira do jovem de 35 anos enquanto treinador principal da equipa e os números foram surpreendentes para um dos clubes que contava com um dos orçamentos mais baixos da competição: em 34 partidas foram 21 vitórias, oito empates e apenas cinco derrotas.

Apesar de garantir a permanência de Tiago Margarido – com quem renovou o contrato até junho de 2026 – o clube da Choupana não conseguiu segurar o seu melhor marcador da última época, o venezuelano Jesús Ramírez, autor de 17 golos na II Liga, que estava emprestado pelos mexicanos do Morelia e assinou com o Vitória de Guimarães. Miguel Baeza, médio espanhol formado no Real Madrid e que chega do Celta de Vigo, é uma das principais contratações para esta temporada.

Santa Clara com sotaque brasileiro

Atual Campeão da II Liga, o Santa Clara regressa à elite do futebol português com maiores expectativas. Após apenas três derrotas no campeonato da última época, o emblema açoriano, comandado pelo também jovem treinador Vasco Matos, manteve a base da equipa campeã, inclusive os três defensores que fizeram parte do onze ideal da última edição da II Liga: Pedro Pacheco, o capitão Paulo Henrique e o brasileiro Lucas Soares.

Além de Lucas Soares, o plantel do Santa Clara conta com nada mais, nada menos do que 17 brasileiros, sendo também a SAD presidida por Bruno Vicintin, empresário natural de São Paulo que comprou parte das ações do clube há cerca de dois anos.

Após conseguir o 6.º e 7.º lugares na I Liga, respetivamente nas épocas 2020/2021 e 2021/2022, o emblema dos Açores teve uma campanha "trágica" em 2022/2023, acabando despromovido ao terminar no último lugar. O ano demolidor na II Liga e a organização da SAD dão esperança para que a campanha deste ano possa ser parecida com as quatro anteriores à última despromoção.

A estreia é domingo com o Estoril, sendo que os atuais Campeões da II Liga têm na segunda jornada uma receção ao FC Porto, no Estádio de São Miguel, em Ponta Delgada. Um início exigente, mas também uma boa oportunidade para começar já a mostrar aos adeptos que os açorianos chegaram à elite para ficar.

nuno.tibirica@dn.pt

Os promovidos nas últimas oito épocas

OS MELHORES

1.º Moreirense	(2023/24)	6.º lugar	55 pontos
2.º Famalicão	(2019/20)	6.º lugar	54 pontos
3.º Desp. Chaves	(2022/23)	7.º lugar	46 pontos

OS PIORES

1.º Nacional	(2020/21)	18.º lugar	25 pontos
2.º Nacional	(2018/19)	17.º lugar	28 pontos
3.º U. Madeira	(2015/16)	17.º lugar	29 pontos

Sp. Braga e V. Guimarães enfrentam batalhas suíças para continuar na Europa

UEFA Treinador dos bracarenses admite que será "um fracasso" não ultrapassar o Servette, enquanto Tiago Silva promete resultado positivo do Vitória em Zurique.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Duelos entre minhotos e suíços vão marcar hoje as pré-eliminatórias das provas europeias. O Sporting de Braga recebe o Servette (20.30, SportTV) para tentar garantir um lugar no *play-off* de acesso à fase de grupos da Liga Europa, enquanto o V. Guimarães se desloca ao terreno do FC Zurique (18.00, SportTV), onde irá tentar dar um passo importante para alcançar a mesma fase da Liga Conferência da UEFA.

Daniel Sousa, treinador dos bracarenses, assumiu ontem ser um fracasso se a sua equipa falhar o objetivo europeu. "Estamos obrigados a ganhar", assumiu, admitindo que "é sempre importante levar um resultado positivo para a segunda mão" na próxima semana em Genebra. O técnico assumiu que está avisado quanto a um Servette que diz ter "qualidade no meio-campo, jogadores experientes e rápidos", além de "uma mobilidade no meio-campo, que permite à equipa ter a bola ou sair forte para o contra-ataque". Nesse sentido, assumiu a importância de a sua equipa estar "muito concentrada para vencer" a partida.

Esta será a primeira vez que o Sp. Braga vai defrontar o Servette, mas frente a equipas suíças nunca perdeu nos cinco jogos para as provas da UEFA.

Tiago Silva
Médio do V. Guimarães

"Jogar à Vitória"

Já o V. Guimarães visita o FC Zurique, num jogo inédito, embora não tenha tido sorte na única vez que enfrentou uma equipa helvética, no caso o Basileia (empate a zero em casa e derrota 1-2 fora, em 2008 para a 3.ª pré-eliminatória da *Champions*).

Ainda assim, o médio Tiago Silva estava otimista à partida para a Suíça. "Queremos regressar com um resultado positivo, mas sabemos que se trata de uma eliminatória que só se resolverá em casa", assumiu o jogador, prometendo uma equipa a "jogar à Vitória" e com "um espírito positivo" dentro do campo.

carlos.nogueira@dn.pt

ESTELA SILVA / LUSA

Daniel Sousa quer Sp. Braga concentrado para vencer Servette.

Shyamalan a filmar com deleite e prazer, mas este seu novo filme será mais respeitado com o decorrer do tempo...

Deixar o ceticismo para trás...

THRILLER Estreou-se a semana passada, sem ser mostrado à imprensa, *Armadilha*, de M. Night Shyamalan, uma caça a um assassino em série. *Suspense* de alto conceito destinado a agradar apenas aos mais fiéis do cineasta de *A Vila*.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Encontrar um cineasta em pleno exercício de uma grande produção de uma *major* de Hollywood a tentar esticar os limites do seu estilo é algo raro nestes dias. O cineasta, neste caso, tem crédito. É o famoso contador de histórias bizarras M. Night Shyamalan, autor de clássicos como *O Sexto Sentido*, *Sinais* ou a trilogia *Unbreakable*, e aqui faz uma experiência: até que ponto é possível enganar a plateia de um *blockbuster*? Ou como uma intriga pode ser dinamitada com um *high-concept* de puro absurdo nas suas reviravoltas.

É uma espécie de firmamento de Shyamalan numa assinatura de desafio às convenções narrativas de Hollywood, mesmo e sobretudo dentro do género do *thriller*, neste caso até elevado ao subgénero do filme de *serial killer* e transformado numa abordagem de momentos WTF, como Nanni Moretti gozava no seu último filme – o tal cinema com momentos do *arco da velha*.

E fá-lo de uma forma petulante, para muitos com pastiche a mais, para outros com um excesso de vaidade exasperante, mas quase sempre sem fugir dos seus princípios de metodologia de criação de atmosferas sinistras e de medo. É o *suspense* com marca registada, com planos com a grife Shyamalan, sobretudo *close-ups* e brincadeiras de direção de fotografia sem medo do ridículo ou, no seu dicionário, do *preposterous* (ridículo) mais tonto. O que é mais divertido é que em *Trap* tudo é pensado na gestão de uma autocitação.

> *Armadilha* não nos pede para acreditarmos naquela situação, pede-nos para fingir e alinharmos numa charada de descrença...

Aqui há *pop culture*...

À primeira vista, este conto de uma operação de captura de um assassino em série parece não ter muitos *twists*. Vemos um pai quarentão a levar uma filha adolescente a um concerto de Lady Raven (uma versão de cor de Taylor Swift) numa arena repleta de meninas histéricas. Aos poucos, esse pai percebe que há uma operação de armadilha do FBI para o apanhar, ele que vivendo uma vida respeitável de bombeiro e exemplar homem de família é mesmo o *Butcher*, assassino sádico com traumas maternais que degola vítimas inocentes quase sem deixar vestígios.

A sua estratégia é então procurar uma fuga da arena, nem que para isso tenha de usar o charme da filha.

Aos poucos, como em qualquer filme de Shyamalan, acontecem *twists* e, quando a intriga abandona a arena e o concerto, começamos a conhecer melhor a mente deste monstro com sorriso de pai babado.

Referência a Hitchcock

De alguma forma, a maneira como somos convidados a entrar na mente desta personagem, interpretada com requintes de insanidade por Josh Hartnett, é uma conversa inacabada com *Psico*, de Alfred Hitchcock. Por outras palavras, é uma variação moderna da loucura de Norman Bates.

Trata-se realmente de uma vénia ao mestre, aqui e ali atraiçoada por resoluções de argumento no mínimo atabalhoada.

Acreditar ou não acreditar

Mas para apreciar todo o conceito e deixarmo-nos ir na pureza do conceito "ilógico", apenas se pede que se deixe para trás ceticismos e outros dogmas da credibilidade cinematográfica. *Armadilha* não nos pede para acreditarmos naquela situação, pede-nos para fingirmos e alinharmos numa charada de descrença... E nesse sentido torna-se crucial a interpretação da veterana Hayley Mills, filmada como um arrepio de espinha.

Por alguma razão, a Warner teve um lançamento atípico, sem antestreias, nem visionamentos de imprensa – quanto menos se soubesse, melhor. Uma estratégia de *marketing* para evitar *spoilers* e a má língua dos fãs de Shyamalan que poderiam não alinhar nesta "partida" do realizador. A verdade é que os números de bilheteira não são propriamente fenomenais...

O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
ARMADILHA		★★★	★★
A ILHA VERMELHA	★★★	★★	★★★
DEPOIS DO ENSAIO	★★★★★		★★★★★
BANEL & ADAMA	★★	★★	★★
INSTIGADORES		★★	
MAIS QUE NUNCA	★★★★	★★★	★★★★
ELIS & TOM	★★★		★★★
GERAÇÃO *LOW-COST*	★★★	★★★	
DEADPOOL & WOLVERINE		★★★	★★
UNDERGROUND	★★★★★	★★★★	★★★★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional

Crescer numa base militar.

Fragmentos de uma infância em Madagáscar

EX-COLÓNIAS No centro de *A Ilha Vermelha* estão as memórias do seu realizador, Robin Campillo. Uma viagem aos últimos tempos do Império Colonial Francês, pelos olhos e imaginação de um menino expatriado.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Uma criança que espreita os adultos. Quase sempre, os filmes baseados nesta premissa conseguem trazer algo de puro e refrescante ao ângulo do realizador: são filmes que estabelecem o olhar infantil como a lente mais justa para abordar o presente, ou um passado, tendendo a privilegiar o "lugar secreto" da perceção. Assim se poderá caracterizar *A Ilha Vermelha*, filme semiautobiográfico de Robin Campillo, que confia aos inocentes olhos azuis de um menino de 10 anos a crónica de uma vivência da recém-independente Madagáscar, no início da década de 1970; uma crónica só possível de converter em imagens evocativas por esse lado da curiosidade pueril, que põe a imaginação a dialogar com uma leitura íntima da realidade, longe da cegueira humana dos adultos.

Thomas (o debutante Charlie Vauselle) é então o garoto que tudo vê e assimila no ambiente de uma base militar francesa, onde a sua família desfruta – tal como as outras famílias brancas expatriadas – do estilo de vida expansivo numa ilha paradisíaca, com churrascos e festas, tagarelice e tédio, a construírem memórias de convívio indissociáveis de uma flagrante tensão sexual.

O pai militar do menino surge aqui como o exemplo discretamente incómodo do homem que carrega em si o racismo latente e uma postura de macho ferido que tenta o tempo todo corresponder ao *pater familia* ideal, para isso trazendo presentes para casa que podem tomar a forma de crocodilos bebés... Mas esta é apenas a dimensão doméstica daquele quotidiano.

O que os olhos da criança registam será, por sua vez, amplificado pelos olhos de uma menina vietnamita, que acaba por se tornar a sua companheira de aventuras, desde logo enquanto apreciadora de Fantômette, a heroína da série de livros que solta a imaginação de Thomas. O que nos leva às vinhetas oníricas, espécie de trechos animados com as façanhas da pequena justiceira mascarada, que estão espalhados pelo filme num equilíbrio frágil entre a fantasia juvenil e a pulsação histórica – só na parte final de *A Ilha Vermelha* ganharão densidade.

Até lá, sem prejuízo, o realizador do famoso *120 Batimentos por Minuto* consegue manter o retrato envolvente e incisivo na zona de segurança que são esses olhos de quem observa, seja pelo buraco do esconderijo no jardim ou debaixo da mesa, uma realidade incompreensível às ideias, mas legível através da urgência dos corpos, ou de uma sensação pesada na atmosfera.

Com uma ternura prudente, que nunca romantiza a questão política da memória (pelo contrário), *A Ilha Vermelha* explora os resquícios do Império Colonial Francês pela linha fragmentada das impressões de um lugar e da sua agitação interna. Como se a câmara de Campillo assumisse o "discurso" daquele maravilhoso movimento espontâneo das crianças que desatam a pedalar nas suas bicicletas, oferecendo uma vista geral da ilha: não se sabe o que as impeliu, mas há uma corrente viva nessa mobilidade cúmplice.

Erland Josephson e Lena Olin: o teatro no coração do cinema.

No palco com Ingmar Bergman

INÉDITO Até 2 de outubro decorre em várias cidades o ciclo de 31 filmes de Ingmar Bergman. Hoje chega às salas *Depois do Ensaio*, nunca estreado no circuito comercial: obra-prima minimalista sobre o fascínio do palco.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Sendo Ingmar Bergman (1918--2007) um nome tão universal, eis uma informação que pode parecer absurda, mas que não deixa de ser totalmente objetiva: no ciclo de 31 dos seus filmes que a Leopardo Filmes continua a apresentar em várias cidades do país, há quatro títulos inéditos no circuito comercial das salas de cinema. *Cidade Portuária* (1948) e *A Sede* (1949) surgiram logo no começo do ciclo, a 14 de julho; a partir de hoje começam a ser exibidos *Mulheres Que Esperam* (1952) e *Depois do Ensaio* (1984) – o ciclo prolonga-se até 2 de outubro.

Embora *Mulheres Que Esperam* seja um belo exemplo do modo como o cineasta sueco retratou as singularidades do feminino (20 anos antes de *Lágrimas e Suspiros*, vale a pena recordar), é o fascinante *Depois do Ensaio* que justifica um destaque muito especial. A começar por uma razão, de uma só vez artística e industrial, tantas vezes esquecida: o filme ilustra a disponibilidade de Bergman, a par de outros mestres europeus (Rossellini, Godard, Antonioni) para trabalhar no território televisivo. Estamos, de facto, perante uma produção que, na origem, é um telefilme, como tal tendo sido difundido, há cerca de 40 anos, nos mais diversos canais europeus, incluindo a RTP1.

Poderá perguntar-se: qual a diferença? Em boa verdade, nenhuma, a não ser no financiamento e no enquadramento prático da produção – o que, desde logo, é bem revelador de um conceito criativo de televisão em que as rotinas das novelas e seus derivados (ou, mais recentemente, os horrores da *Reality TV*) não são dominantes. Na prática, para Bergman, tratava-se de regressar a uma temática transversal a todo o seu trabalho – o lugar do teatro nos circuitos labirínticos das relações humanas –, agora num registo de imaculado minimalismo.

Tudo acontece entre o encenador Henrik Vogler e a atriz Anna Egerman, personagens interpretadas, respetivamente, por Erland Josephson, um dos atores da "família" bergmaniana, e Lena Olin, no papel que a projetou na cena internacional (surgiria, quatro anos mais tarde, em *A Insustentável Leveza do Ser*, sob a direção de Philip Kaufman). O título é para ser tomado à letra: depois de um ensaio de *Um Sonho*, de August Strindberg, Vogler deixa-se ficar no palco, num misto de reflexão e sonolência, até que aparece Anna, à procura de uma pulseira que perdeu…

O que acontece durante pouco mais de uma hora (tudo é minimalista, até mesmo a duração do filme) decorre de uma visão em que Bergman relança o teatro, ou melhor, a teatralidade como componente vital do seu cinema. Não exatamente porque o cenário de *Depois do Ensaio* seja um palco; antes porque as personagens e o espectador oscilam entre as evidências do dia a dia e os sinais de um mundo alternativo de que a palavra (teatral, justamente) é um espelho perverso – descubra-se a breve participação de Ingrid Thulin. Ou como diz Vogler: "Os mortos não estão mortos, os vivos parecem fantasmas."

Seis livros para dizer "Aqui há gato"

SUGESTÕES No *Dia Internacional do Gato*, propomos seis leituras felinas recentemente chegadas às livrarias. De compêndios a clássicos, há uma diversidade literária pronta a seduzir mesmo quem desconfia dos "donos disto tudo" – aqueles seres de garras e bigodes, tão dóceis como intimidantes.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Edições 70
168 páginas

1. HISTÓRIA DOS GATOS

de François-Augustin de Paradis de Moncrif

Eis uma boa forma de encetar o nosso estudo informal: datado de 1727, *História dos Gatos* é um magnífico conjunto de cartas, dirigidas a uma incógnita marquesa, em que o autor disserta eruditamente sobre esses elegantes animais, percorrendo os traços da sua existência – desde o Antigo Egito até aos salões parisienses da época – como original método epistolar em defesa dos felinos. Figura espirituosa da sociedade francesa ao tempo de Luís XV, o dito autor, François-Augustin de Paradis de Moncrif (1687-1770), surge, de resto, como motivo de curiosidade ele próprio. Na introdução diz-se mesmo que poderemos estar perante uma autobiografia simbólica: afinal, fazer a apologia dos gatos tem o seu quê de reabilitação da imagem daqueles que estimam a independência e os prazeres mundanos. Era o caso de Moncrif.

2. EU SOU UM GATO

de Natsume Sōseki

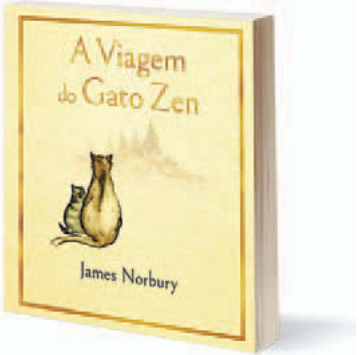
Outro belíssimo clássico, desta vez da literatura japonesa, *Eu Sou Um Gato* fala de um bichano sem nome, vindo de um "lugar sombrio e húmido", que, depois de algumas desventuras, acaba por ser acolhido na casa de um professor com devaneios artísticos, mas falta de talento... Enquanto narrador, o gato torna-se então, nessa era Meiji (1868-1912), um cronista perspicaz e irónico da sociedade em causa, observando os comportamentos à sua volta como quem analisa um Japão em mudança, virtude do contacto com o pensamento ocidental. Daí que esta obra, originalmente publicada em 1905 – que trouxe reconhecimento a Natsume Soseki (1867-1916) –, contenha um dos retratos mais subtis da espécie humana. "Os homens, apesar do seu grande nome, não irão prosperar eternamente. Bah! Paciência, e esperemos que chegue a hora dos gatos."

Editorial Presença
416 páginas

Editorial Presença
128 páginas

3. O GATO QUE NOS VISITOU

de Takashi Hiraide

Ainda em matéria de romances japoneses, o contemporâneo *O Gato Que Nos Visitou* surge como uma pequena pérola que produz emoções a longo prazo. É a história do felino que conquistou o seu espaço na casa de um jovem casal – à partida, não especialmente amante de gatos –, apesar de pertencer aos vizinhos. Por isso mesmo, uma narrativa (ambientada no final da década de 80, início dos Anos 90, com uma crise imobiliária pelo meio) sobre a delicada aprendizagem em torno da presença de um animal tão misterioso quanto instigador de afetos, que a ordem do quotidiano trata de consolidar. Um *best-seller* internacional, de Takashi Hiraide, gerador de um efeito semelhante ao do seu, ou sua, protagonista: "Subitamente, estávamos unidos por um fio invisível: Chibi, a gata."

Edição Iguana
176 páginas

4. A VIAGEM DO GATO ZEN

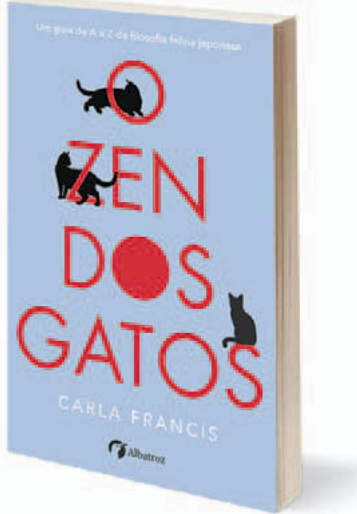
de James Norbury

Este é um livro para degustar à sombra, partilhar a leitura com alguém e, sempre que apetecer, revisitar os seus fabulosos desenhos. Concebido pelo ilustrador galês James Norbury, especialista em zoologia, *A Viagem do Gato Zen* segue a demanda desta personagem do título pela paz e sabedoria infinitas, que lhe dizem ser possível encontrar num pinheiro antigo, nas profundezas da floresta. Uma jornada que o Gato Zen inicia tendo em mente a lição que aprendeu, em pequenino, com um dragão... No interior desta suave edição de capa dura descobrimos, pois, os vários interlocutores que se cruzam com o "viajante espiritual", enquanto o próprio acumula experiências para a vida. Cada página, uma delícia serena.

5. COMO DOMESTICAR UM HUMANO

de Barbara Capponi

Para algo completamente diferente, *Como Domesticar Um Humano – Guia Para o Gato Moderno* será das leituras mais divertidas dentro do notável género "viver com lordes de garras e bigodes". Uma autêntica máquina trituradora das ilusões de quem acha que manda no seu gato: se ainda não ficou claro, são eles que nos adestram... Imaginando o próprio gato como leitor, a italiana Barbara Capponi, auxiliada pelas ilustrações de Andrea Ferolla, criou um manual com dicas para felinos que estão a apalpar o terreno dos humanos e a ensaiar a convivência com esses bípedes domesticáveis. Uma perspetiva que, em forma de livro de bolso, coloca os ingénuos donos ao corrente das técnicas de uma conquista inevitável.

Edição TopSeller
144 páginas

Edição Albatroz
208 páginas

6. O ZEN DOS GATOS

de Carla Francis

"Alguma vez se perguntou por que razão os felinos nos cafés de gatos do Japão parecem ser muito bem-comportados e estar muito compostos? Este talvez seja, na prática, o conceito a que os japoneses se referem como *annei*." Palavra: *Annei*, letra: A. Em *O Zen dos Gatos*, há um abecedário para percorrer com gosto. Até Z, a autora Carla Francis organiza histórias e factos que, por assim dizer, ajudam leitores stressados a entrar no estado mental do felino. Uma postura intimamente ligada ao imaginário cultural japonês e à filosofia *Zen*, passível de ser decomposta em conceitos-chave que trazem ensinamentos inestimáveis ao nosso estilo de vida. Apetece até acender uma velinha e respirar fundo ao virar da página... Um gato comum dirá: hora da sesta.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

ÀS COMISSÕES DE TRABALHADORES OU ÀS RESPETIVAS COMISSÕES COORDENADORAS, ASSOCIAÇÕES SINDICAIS E ASSOCIAÇÕES DE EMPREGADORES

Nos termos e para os efeitos dos artigos 54.º, n.º 5, alínea *d*), e 56.º, n.º 2, alínea *a*), da Constituição, do artigo 16.º da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas, aprovada em anexo à Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, dos artigos 469.º a 475.º da Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro (Aprova a revisão do Código do Trabalho), e do artigo 132.º do Regimento da Assembleia da República, avisam-se estas entidades de que o prazo, de 24 de julho a 23 de agosto de 2024, para apreciação pública do Projeto de Lei n.º 180/XVI/1.ª (PS) — *Aprova o novo estatuto da carreira de investigação científica*, constante da Separata n.º 15, que pode ser consultada na *página da Assembleia da República*, no endereço eletrónico http://www.parlamento.pt/DAR/Paginas/Separatas.aspx, foi prorrogado até 30 de setembro de 2024.

As sugestões e pareceres deverão ser inseridos, até à data-limite acima indicada, na aplicação disponível na página da Comissão para esse efeito, em https://www.parlamento.pt/sites/COM/XVILeg/8CEC/Paginas/ContributosIniciativasII.aspx?ID_Ini=145 ou, em alternativa, enviados por correio eletrónico dirigido a *8cec@ar.parlamento.pt* ou por carta dirigida à *Comissão de Educação e Ciência*, Assembleia da República, Palácio de São Bento, 1249-068 Lisboa.

Dentro do mesmo prazo, as comissões de trabalhadores ou as comissões coordenadoras, as associações sindicais e associações de empregadores poderão solicitar audiências à *Comissão de Educação e Ciência*, devendo fazê-lo por escrito, com indicação do assunto e fundamento do pedido.

ASSEMBLEIA DE COMPROPRIETÁRIOS DA AUGI AR5

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 11 e sgs. da Lei 91/95, com a sua redação atualizada, ficam convocados todos os comproprietários do **prédio rústico sito em Pinhal do Frade, freguesia de Arrentela, concelho do Seixal:**

- Descrição: 6539/20090120
- Área: 12.284 m²
- Matriz: 69 J a 108 J_
- Freguesia de Arrentela
- Concelho do Seixal

E **prédios urbanos sitos em Pinhal dos Frades, freguesia de Fernão Ferro e Arrentela, concelho do Seixal:**

- Descrição: 302/19960729, 4881/19960828, 4882/19960828, 5154/19971205, 5493/19990908, 5494/19990908, 5964/20030121, 8800/20121204, 8884/20150728
- Área: 352,50 m², 315 m², 305 m²2, 262,60 m², 265,20 m², 277,36 m², 256 m², 215 m², 160 m² área total 14.692,66 m²
- Matriz: 189, 2606, 2831, 5126, 3483, 6585, 5754, 6893
- Freguesia de Fernão Ferro e Arrentela
- Concelho do Seixal

E outros que dentro do perímetro da AUGI se venham a encontrar, para a Assembleia de Comproprietários, que se realizará no próximo dia **14 de setembro de 2024,** pelas **9 horas**, na Rua Teixeira Queirós, Lote 15, Casal do Marco, 2840-201 Seixal, com a seguinte

Ordem de Trabalhos

1. Informações gerais.
2. Esclarecimentos quanto ao ponto de situação do processo de reconversão.
3. Eleger os membros da Comissão de Administração.
4. Eleger os membros da Comissão de Fiscalização.

Se à hora agendada não se encontrar presente o número legal de comproprietários, a Assembleia reunir-se-á em segunda Convocatória com qualquer número de comproprietários presentes no mesmo dia e local, pelas **9.30 horas**, desde que o número dos presentes corresponda, no mínimo, a 25% da área total do prédio.

A Comissão de Administração

Direção-Geral de Energia e Geologia

ÉDITO

Processo EPU N.º 5319

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do artigo 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Elétricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de julho de 1936, com redação dada pela Portaria n.º 344/89, de 13 de maio, estará patente na Secretaria do Município de Silves e nesta Direção-Geral, sita em Rua Prof. António Pinheiro e Rosa, 8005-546 Faro, com o telefone 289 896 600, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação deste édito no *Diário da República*, o projeto apresentado pela E-REDES – Distribuição de Eletricidade, S.A., para o estabelecimento da Linha Aérea a 15 kV, FR15-39 ALGOZ com 225.47 metros, com origem no apoio n.º 23 da LAMT A 15 kV, FR15-39 ALGOZ e término no apoio n.º 24 da própria linha, a estabelecer em Caravela , freguesia de União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra, concelho de Silves, a que se refere o processo mencionado em epígrafe.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projeto deverão ser presentes nesta Direção-Geral Área Sul – Algarve ou na Secretaria daquele Município, dentro do citado prazo.

Direção-Geral de Energia e Geologia, 2024-07-03

O Chefe de Divisão DIECS-Algarve
Tiago Santos

Por subdelegação de poderes, Despacho n.º 2130/2024, Publicado no DR n.º 40, II Série, de 26 de fevereiro

---

Direção-Geral de Energia e Geologia

ÉDITO

Processo EPU N.º 5320

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do artigo 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Elétricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de julho de 1936, com redação dada pela Portaria n.º 344/89, de 13 de maio, estará patente na Secretaria do Município de Silves e nesta Direção-Geral, sita em Rua Prof. António Pinheiro e Rosa, 8005-546 Faro, com o telefone 289 896 600, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação deste édito no *Diário da República*, o projeto apresentado pela E-REDES - Distribuição de Eletricidade, S.A., para o estabelecimento da Linha Aérea a 15 kV, FR15-39-22 CARAVELA com 20.23 metros, com origem no apoio n.º 23A da LAMT A 15kV, FR15-39 ALGOZ e término no PTD SLV 773 CARAVELA; a estabelecer em Caravela, freguesia de União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra, concelho de Silves, a que se refere o processo mencionado em epígrafe.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projeto deverão ser presentes nesta Direção--Geral Área Sul – Algarve ou na Secretaria daquele Município, dentro do citado prazo.

Direção-Geral de Energia e Geologia, 2024-07-03

O Chefe de Divisão DIECS-Algarve
Tiago Santos

Por subdelegação de poderes, Despacho n.º 2130/2024, Publicado no DR n.º 40, II Série, de 26 de fevereiro

---

Direção Geral de Energia e Geologia

ÉDITO

Processo EPU N.º 5321

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do artigo 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Elétricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de julho de 1936, com redação dada pela Portaria n.º 344/89, de 13 de maio, estará patente na Secretaria do Município de Silves e nesta Direção-Geral, sita em Rua Prof. António Pinheiro e Rosa, 8005-546 Faro, com o telefone 289 896 600, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação deste édito no *Diário da República*, o projeto apresentado pela E-REDES – Distribuição de Eletricidade, S.A., para o estabelecimento do Posto de Transformação PTD SLV 773 CARAVELA AÉREO - R100 com 100.00 kVA / 15 kV; Rede de Baixa Tensão Aérea, RBT/IP SLV 773 CARAVELA; a estabelecer em Caravela , freguesia de União das Freguesias de Alcantarilha e Pêra, concelho de Silves, a que se refere o processo mencionado em epígrafe.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projeto deverão ser presentes nesta Direção-Geral Área Sul – Algarve ou na Secretaria daquele Município, dentro do citado prazo.

Direção-Geral de Energia e Geologia, 2024-07-03

O Chefe de Divisão DIECS-Algarve
Tiago Santos

Por subdelegação de poderes, Despacho n.º 2130/2024, Publicado no DR n.º 40, II Série, de 26 de fevereiro

---

CARTÓRIO NOTARIAL DE
JOÃO MAIA RODRIGUES E DIOVANA BARBIERI, NOTÁRIOS SP, SOCIEDADE, LDA.

João Maia Rodrigues
NOTÁRIO

JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO, para fins de publicação, que por escritura de cinco de agosto de dois mil e vinte e quatro, iniciada a folhas oitenta e oito e seguintes do livro de notas para Escrituras Diversas número 12-0, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual:

A) ARMANDO AGRIA CARDOSO SOARES, natural da freguesia de S. Jorge de Arroias, concelho de Lisboa, solteiro, maior, titular do cartão de cidadão número 11043892 2 ZX2, válido até 13.03.2030, emitido pela República Portuguesa;

B) CARLOS JAIME FONSECA SANTOS, natural da freguesia de S. Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, divorciado, titular do cartão de cidadão número 05340277 4 ZXl, válido até 01.06.2030, emitido pela República Portuguesa.

O identificado em A) na qualidade de presidente da direção, o identificado em B) na qualidade de vice-presidente da direção, ambos em representação da **ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DO DAFUNDO**, com sede na Av. Duque de Loulé, em Linda-a-Velha, 2795-101 Linda-a-Velha, pessoa coletiva de utilidade pública, inscrita na Conservatória do Registo Comercial de Cascais com o NIPC 501.177.612.

DECLARARAM:

Que a associação humanitária que representam é dona e legítima possuidora, com exclusão de quem quer que seja, do imóvel seguinte:

Prédio urbano destinado a serviços, com a área total de trezentos e cinco vírgula setenta metros quadrados, composto de edifício de rés do chão com trinta e seis metros quadrados, com um logradouro com duzentos e sessenta e nove vírgula sete metros quadrados, sito na Rua Policarpo Anjos, n.º 7, no Dafundo, área da União das Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada-Dafundo, concelho de Oeiras – a confrontar do norte, nascente e poente com a referida rua e do sul com a Av. Ivens – inscrito na matriz predial da referida união de freguesias, **em nome da associação**, sob o artigo **4264**, com o valor patrimonial de **€1.830,00**, o mesmo que atribuem para os efeitos deste ato.

Que o identificado prédio **não se encontra descrito** na respetiva Conservatória do Registo Predial e a associação que representa não dispõe de qualquer título formal que permita efetuar o registo a seu favor.

Que, porém, a Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários do Dafundo **justifica** o direito de propriedade sobre o identificado prédio com fundamento no seguinte:

Nos arquivos da associação não foi possível localizar qualquer título formal ou outro tipo de documento comprovativo da sua titularidade ou posse do imóvel, desconhecendo-se, por isso, quem tenham sido os anteriores possuidores.

Apurou-se, no entanto, que, entre junho de mil novecentos e quarenta e setembro de mil novecentos e setenta e três, o prédio constituiu o primeiro quartel dos Bombeiros Voluntários daquela associação, passando a partir dessa data, até hoje, a ser utilizado como parque de viaturas e arrumos da mesma associação.

E assim desde, pelo menos, junho de mil novecentos e quarenta que a associação que representam está na posse do identificado prédio, que exerceu até hoje, em nome próprio, sem qualquer interrupção, à vista de toda a gente e sem oposição de quem quer que fosse, utilizando-o para os fins acima referidos, zelando pela sua conservação e manutenção, suportando todos os encargos com ele relacionados, designadamente pagando a água, a luz, limpando-o, pintando o edifício, conservando o portão de acesso, etc., e agiu em tudo o mais sobre ele, em toda a linha e com convicção, em correspondência perfeita com o exercício do direito de propriedade.

Tal posse em nome próprio, contínua, pública e pacífica, nos termos referidos, sobre tal prédio, conduziu à sua aquisição **por usucapião**, que a associação ora invoca para efeitos do registo em seu nome.

(Qualquer interessado que se sinta lesado nos seus direitos ao mencionado imóvel deverá impugnar judicialmente esta justificação, no prazo de **trinta dias**, após a publicação.)

Está na parte respeitante em conformidade com o original.

Cartório Notarial de João Maia Rodrigues e Diovana Barbieri, Notários SP, Sociedade, Lda., sito na Avenida 5 de Outubro, número dezassete, primeiro andar, em Lisboa, cinco de agosto de dois mil e vinte e quatro.

O Notário
(assinatura ilegível)
Conta registada sob o n.º Fac. 4/34/001/2024

MUNICÍPIO DE CONDEIXA-A-NOVA

AVISO

Nos termos do disposto nos artigos 20.º e 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, aplicada à Administração Local pela Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, ambas na sua atual redação, torna-se público que, por deliberação da Assembleia Municipal datada de 18-12-2023, sob proposta da Câmara Municipal, foi autorizada a abertura de procedimento concursal para provimento, em regime de Comissão de Serviço, do cargo de direção intermédia de 3.º grau para a Unidade de Desporto, Juventude e Associativismo.

A indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, da composição do júri e dos métodos de seleção será publicada na Bolsa de Emprego Público (BEP).

As candidaturas deverão ser formalizadas no prazo de 10 dias úteis, a contar da data da publicitação na BEP, que ocorrerá até ao segundo dia útil após a data da publicação do presente aviso no *Diário da República*.

Condeixa-a-Nova, 4 de julho de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
Nuno Moita da Costa

MUNICÍPIO DE CONDEIXA-A-NOVA

AVISO

Nos termos do disposto nos artigos 20.º e 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, aplicada à Administração Local pela Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, ambas na sua atual redação, torna-se público que, por deliberação da Assembleia Municipal datada de 18-12-2023, sob proposta da Câmara Municipal, foi autorizada a abertura de procedimento concursal para provimento, em regime de Comissão de Serviço, do cargo de direção intermédia de 3.º grau para a Unidade de Apoio ao Investidor.

A indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, da composição do júri e dos métodos de seleção será publicada na Bolsa de Emprego Público (BEP).

As candidaturas deverão ser formalizadas no prazo de 10 dias úteis, a contar da data da publicitação na BEP, que ocorrerá até ao segundo dia útil após a data da publicação do presente aviso no *Diário da República*.

Condeixa-a-Nova, 5 de julho de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
Nuno Moita da Costa

As coberturas exteriores e as almofadas podem ser trocadas e conjugadas em várias cores.

Dyson OnTrac. Um som de qualidade superior numa enorme variedade de cores

TECH A casa britânica mais conhecida pelos aspiradores surpreende com a sua segunda entrada no mercado dos auscultadores: um produto capaz de competir com algumas das mais conhecidas marcas do segmento e com uma mais-valia de personalização neste momento única.

TEXTO **RICARDO SIMÕES FERREIRA**

Estes auscultadores querem – e merecem – ser tanto vistos como ouvidos. O que é dizer muito por duas razões: são bem grandes e têm um som de elevadíssima qualidade. O que a Dyson conseguiu com os novos *headphones* OnTrac foi um produto que se destaca tecnicamente, oferece longas horas de boa audição e conforto e ainda permite um nível de personalização que agradará, seguramente, aos mais jovens. Só é pena terem sido um pouco conservadores em algumas opções de ligação e a *app* que acompanha o aparelho ainda deixar um pouco a desejar... mas já vamos a esses detalhes.

Comecemos pelo conforto. Apesar das elevadas temperaturas nos termómetros em Lisboa na última semana, nunca nos sentimos com as "orelhas a arder" – nem nada que se pareça – ao longo das dezenas de horas de utilização dos OnTrac que já fizemos.

O que é de elogiar para uns fones *over the ear*, com um diâmetro de 10 centímetros. As "esponjas" em microfibra conseguem ser suficientemente "respiráveis" para não provocar calor e, ao mesmo tempo, isolar mecanicamente o som exterior – ainda que, como sempre acontece com este tipo de aparelhos, pessoas que utilizam óculos, como é o caso, inevitavelmente têm o efeito atenuado.

Além disso, além de parecerem maciços, os OnTrac não são particularmente leves: pesam 451 gramas. Mas após serem colocados na cabeça a distribuição de peso é tal que este quase meio quilo não se nota minimamente – isto garantido pelas cinco diferentes pessoas a quem perguntámos especificamente esta questão (com crânios de tamanhos diferentes...).

Apesar de serem grandes e pesarem mais de 400 gramas, os OnTrack são confortáveis.

Parte deste peso justifica-se pela dimensão das baterias que a Dyson colocou nos *headphones*. São células de lítio de 2540mAh – metade do que tem um *smartphone* topo de gama – que é o que permite ao fabricante anunciar uma autonomia até 55 horas de utilização. O que, pela nossa experiência, não será um exagero.

Isto, mesmo utilizando o sistema de cancelamento de ruído exterior ativo (ANC – *Active Noise Cancellation*).

Para este sistema – que capta os sons no ambiente e introduz "ruído" equivalente nos auscultadores de forma a anular o que se passa "lá fora" – a Dyson equipou os OnTrac com oito microfones. O fabricante diz que os fones "ouvem" o som exterior e agem para o cancelar 384 mil vezes por segundo, conseguindo uma redução de 40 decibéis "o melhor da sua categoria".

Facto é que já experimentámos outros *headphones* mais eficazes do que estes a anular por completo o som exterior – os Sony WH-1000XM5 são um exemplo –, mas todos esses nos provocaram uma sensação de "opressão acústica" quando em silêncio que estes Dyson não fizeram. E uma vez que, em períodos de audição muito longos, essa sensação de estar a ouvir a supressão de som ao nível infra-sónico se torna desconfortável, preferimos perder um pouco de ANC – além de que a qualidade sonora, defendemos, ganha em fidelidade.

> A Dyson anuncia uma autonomia de 55 horas para estes auscultadores. Pela nossa semana de experiência, este valor não será um exagero. Isto mesmo ouvindo com um volume elevado e com o sistema ativo de cancelamento de ruído exterior ligado.

Graves profundos

A Dyson afirma que os altifalantes dos OnTrac, de 40mm e 16 ohms, construídos em neodímio, conseguem reproduzir sons tão graves quanto os 6hertz e tão agudos quanto os 21 kilohertz – ou seja, ultrapassam a capacidade teórica da audição humana.

Ouvindo, são capazes de ter razão. Podemos atestar que estes fones têm de facto um "*punch*" enorme, reproduzindo baixos profundos – mas sem perder detalhe – até um nível raro de ouvir em fones, mesmo nas gamas mais altas.

Mas atenção: não os julgue logo depois de saídos da caixa. Tal como acontece, aliás, com a maioria das "colunas" de som, estes pequenos altifalantes precisam de algumas horas de rodagem. Os OnTrac foram melhorando ao longo da semana de teste – e ganharam muito após os termos sujeitado a uma hora de "*burn in*" com uma faixa de um CD da Monitor Audio para o efeito – e mesmo no momento em que escrevemos este artigo temos a sensação de que ainda podem ter um pouco (subtilmente) mais para dar.

Onde, no entanto, eles falham um pouco é no detalhe. Estes não são, de todo, os fones mais detalhados que já ouvimos. Quando saltamos deles para os nossos velhinhos Grado GW100 (igualmente Bluetooth, mas *on-ear*), nota-se imediatamente a diferença entre um produto criado por uma marca de áudio "perfeccionista". Os Grado são "afinados" para ter um (excelente) som próprio. Ao mesmo tempo, não incluem ANC nem qualquer outro tipo de supressão de ruído e são abertos – quem está cá fora ouve tudo o que o utilizador está a ouvir – o que faz com que seja tecnicamente mais simples conseguir com eles um amplo palco sonoro.

Estamos assim um pouco a comparar incomparáveis. No entanto, demos por nós, ao longo desta semana, a saltar entre uns e outros fones consoante as circunstâncias: quando sozinhos, sem ninguém por perto que se incomodasse com o som que vaza do *design* aberto, pegávamos nos Grado – que já não saíam da caixa há demasiado tempo. No resto do tempo, os Dyson foram o palco da banda sonora do dia a dia, e sempre proporcionando uma enorme satisfação.

Desmontados, os OnTrack mostram o altifalante de 40 mm. À dta. na caixa que se espalma.

> No pacote, com os *headphones*, vêm incluídos um segundo conjunto de almofadas e outras coberturas em alumínio. Mas, vendidos à parte (por 50 euros o par) existem mais cores. Ao todo, diz a Dyson, são "mais de 2000 as combinações possíveis.

Comandos fáceis, *app* a melhorar

Detalhe de realçar nos OnTrac é a facilidade com que é possível controlar as funções nos próprios aparelhos.

Desde logo, o ANC. Dois toques em qualquer um dos auscultadores e o sistema muda automaticamente do modo de supressão total para "transparência" – que permite ouvir o que se passa no exterior, misturado com a música. Somos avisados da mudança por um forte sinal sonoro (à primeira parece um exagero, mas depois até se acha graça).

Não existe, no entanto (e sentimos a falta) um sistema de IA que perceba quando estamos a conversar e mude automaticamente os fones para modo "transparência".

Na estrutura do auscultador direito foi colocado um pequeno *joystick* para controlar as funções do leitor de música – o que é absolutamente genial. Esta é uma solução muito melhor do que as habituais fórmulas de "um toque para avançar a faixa; dois para repetir; três para recuar", etc. que, pela nossa experiência, na maior parte das vezes não fazem aquilo que pretendemos. Com este pequeno botão físico, empurrando para um lado ou para o outro, para cima ou para baixo, temos a certeza dos movimentos que estamos a fazer – e o *software* responde de acordo com a ordem dada. O botão serve ainda para chamar o assistente digital.

Os *headphones* Dyson incluem também um sistema de autodeteção quando estão postos, que coloca a música em pause no momento em que se retiram.

O que a Dyson precisa melhorar com urgência é a *app* que acompanha os OnTrack – que, na realidade, é a mesma *app* para os aspiradores, purificadores de ar, etc.

Desde logo, porque com alguma frequência a *app* deixa de conseguir detetar que os fones estão ligados ao telefone (ou demora muito tempo a encontrá-los). Depois, porque apesar de ter um "equalizador" para personalizar o áudio – o *Enhanced*, que "puxa" um pouco pelos graves e agudos, numa espécie de *loudness* dos Anos 70; o *Bass Boost*, com mais graves; e o *Neutral*, quase linear (mas aparentemente não totalmente) –, a *app* não deixa fazer regulações finas, o que é uma falta pouco compreensível.

A *app* permite ainda ver, em tempo real, se o áudio está num volume prejudicial para a saúde e o nível de supressão do ANC.

Na redação do DN, os Dyson OnTrack em tons de alumínio e laranja. Estes são fones que merecem ser mostrados.

Detalhe do braço em *gimbal* que faz com que o auscultador "abrace" a cabeça eficazmente.

Os acessórios são um *must*

No pacote, com os *headphones*, vêm incluídos um segundo conjunto de "esponjas" e outros revestimentos exteriores em alumínio. No nosso caso, vinham uns discretos modelos cinza-escuro. Mas, vendidos à parte (por 50 euros o par) existem mais cores, como se pode ver na foto na abertura destas páginas.

Ao todo, diz o fabricante, são "mais de 2000 combinações de cores personalizáveis para as capas exteriores e almofadas", em acabamentos cerâmico ou anodizado.

Também merece destaque vir incluído com os fones uma das melhores caixas de transporte que já vimos. Os OnTrac resvalam lá para dentro e ficam protegidos na perfeição e, quando retirados, a caixa "espalma-se" sob si própria, ficando com uma espessura mínima. Excelente!

Ligações ortodoxas

Além da referida questão da subtileza do detalhe – que continuamos a só encontrar nos aparelhos de áudio perfeccionistas – só não percebemos por que razão a Dyson optou por equipar os OnTrac com Bluetooth 5.0 (perfis A2DP, AVRCP e HFP, bem como os tradicionais codecs SBC, AAC e LHDC). Ou melhor, percebemos: permite uma compatibilidade quase universal relativamente aos telemóveis e *tablets* no mercado. No entanto, seriam muito bem-vindas também as ligações mais recentes capazes de transportar áudio com amostragens até 96kHz ou até superiores.

Seja como for, esta segunda incursão no mundo dos *headphones* – a primeira foi com os Zone, os futuristas fones que incluíam uma máscara purificadora de ar – é uma seriíssima aposta da marca britânica neste segmento. Por tudo aquilo que inclui (e pelas horas de prazer sonoro que proporciona) justifica plenamente os 500 euros de preço que pede.

Isto, dito por quem não considera a questão do acessório de moda muito relevante. Já o facto de os fones também poderem ser usados com fio (desde que comprando op adaptador USB C-*jack* ainda não disponível). Já isso é outra conversa...

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

Diario de Noticias

A' ESPERA DOS ALEMÃES...

LITERATURA ESPANHOLA

WENCESLAO FERNANDEZ FLORES

o grande humorista

entrevistado pelo "Diario de Noticias"

O BRILHANTE SARAU NO COLISEU

O DOMINIO DO AR

DA PASSAROLA AO AVIÃO

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 8 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima

CHEFE DA REDACÇÃO E EDITOR: Acurcio Pereira

Propriedade e Tipografia da Empresa Diario de Noticias

O DOMINIO DO AR

DA PASSAROLA AO AVIÃO

O 215.º aniversario da primeira ascenção do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão

Bartolomeu Lourenço de Gusmão

Nesta nossa época febril em que a aeronautica conquista dia a dia novos triunfos e abre sucessivamente mais largos horizontes á sua acção, é curioso relembrar as primeiras tentativas de navegação aerea e consolador verificar que foi ainda um português o pioneiro dessa descoberta, cujos progressos estão destinados a operar a maior revolução economica de todos os tempos.

Num dos primeiros dias de Agosto, dizem uns a 5, outros a 8, de 1709, levantava vôo da praça de armas do Castelo de S. Jorge uma maquina aerostatica, com a forma dum passaro, invenção do padre Bartolomeu de Gusmão, levando na barquinha o seu autor. Milhares de pessoas assistiam entusiasmadas ao estranho espectaculo. Das janelas dos Paços da Ribeira, D. João V, que protegera eficazmente o arrojado autor do aparelho, cercado da sua côrte, seguia tambem, com o maior interesse o seu vôo. O primeiro invento de navegação aerea foi cair por detrás do Terreiro do Paço. O povo, na sua linguagem pitoresca, deu-lhe o nome de «Passarola», pelo feitio que tinha o aparelho. Bartolomeu de Gusmão não era um aventureiro, mais ou menos habilidoso, que se tivesse deixado levar pela ansiedade de fazer qualquer coisa, sem a minima base scientifica, que désse notoriedade ao seu nome. Era um padre da Companhia de Jesus, que adquirira profundos conhecimentos nos estudos filologicos, matematicos e fisicos, possuidor assim duma sólida preparação scientifica. Tinha então 34 anos. Encontrava-se no periodo mais viril da vida, na época em que todas as audacias são permitidas, mas procedera com a maior reflexão e servindo-se de todos os elementos que a sciencia do seu tempo lhe podia ministrar.

A sua tentativa teve um grande éco em toda a Europa. Mas durante largos anos ninguem se atreveu a segui-la ou a imitá-la. Só quasi no fim do seculo desoito, setenta anos depois da experiencia de Bartolomeu de Gusmão, é que os dois irmãos José e Estevão Montgolfier realizaram primeiro um vôo num paralelopipedo de tafetá e depois mais dois em balões de diferente capacidade.

Isso não impediu que a França se arrogasse o direito de proclamar esses seus dois patricios como os inventores dos aerostatos e até o grave Larousse assim o afirma, passando por cima da simples consideração de que os dois irmãos Montgolfier nasceram mais de trinta anos depois da experiencia da Bartolomeu de Gusmão.

Daqui até os «zepelins» de hoje e dos grandes paquetes aereos, que se preparam para realizar a viagem da Europa á America em poucas dezenas de horas, levando nos seus bojos centenas de passageiros e oferecendo-lhes camas, salas de fumo, salas de musica, cinemas e tudo o que ha de mais luxuoso e confortavel, que grande, que enorme distancia a percorrida. Portugal ficará para sempre com a gloria de ter sido quem primeiro iniciou esse caminho de gloria.

Telef. — 365, 534, 2446 e 5310

O FINAL DUM CONFLITO

DOIS MIL ESTUDANTES

de Coimbra

reclamam uma nova epoca de exames em dezembro

em virtude dos acontecimentos tragicos desenrolados em Coimbra não lhes ter permitido prestar provas

Em 26 de maio deste ano desenrolou-se em Coimbra um grave conflito entre estudantes e futricas, que obrigou os primeiros a abandonar em massa a cidade, como protesto contra a falta de energia da força publica.

A Academia, antes de sair da Universidade, reuniu-se na sala dos capêlos, tendo aprovado por unanimidade uma moção, em que se reclamava do governo a nomeação dum sindicante idoneo, aos acontecimentos, a substituição do comissario de policia, e uma nova epoca de exames em dezembro, visto que os estudantes não podiam permanecer em Coimbra até julho—data fixada para os actos—por a cidade não oferecer seguranças de garantia.

Encontra-se em Lisboa o presidente da Associação Academica, sr. Manuel Gomes de Almeida, que nos expôs assim a marcha do conflito:

—O governo nomeou imediatamente o sindicante. Temos toda a confiança nele. O inquerito porá em foco aqueles que tiverem responsabilidade nos sangrentos sucessos de Coimbra...

—E o comissario de policia já foi substituido?

—Só o será quando o inquerito estiver concluido...

—Porque abandonaram a Universidade?

—Porque a força publica não nos garantia a nossa estada em Coimbra. Tinhamos que fazer exames em julho—mas o nosso protesto tinha que ser bem expresso e bem claro, para que se não voltassem a repetir os acontecimentos...

—A sua vinda a Lisboa...

—Como sabe, ha duas epocas de exames: uma em julho, outra em outubro...

—Normais?

—Normais. Nós não queremos três epocas de exames. Queremos duas apenas. Uma em outubro e outra em dezembro—esta em substituição da de julho, visto que os acontecimentos nos impossibilitaram de prestar provas.

—Mas...

—De facto, concordo que a epoca de dezembro apresenta-se pouco pedagogica. O corpo docente da Universidade terá mais trabalho. No entanto, é minha opinião que os acontecimentos anormais justificam as resoluções anormais...

—O Senado Universitario...

—Tanto ele, como o reitor, consultados pelo sr. ministro da Instrução, apoiaram o nosso pedido...

—Mas o ministro não pode decretar essa nova epoca...

—As leis não lho permitem. Mas o projecto vai ser apresentado ao Parlamento, suponho que pelo proprio ministro. Esperamos que a Camara dos Deputados o aprove como é de justiça, beneficiando assim mais de dois mil estudantes que se encontram na situação que lhe apontei.

A CRUZADA DAS MISERICORDIAS

O BRILHANTE SARAU NO COLISEU

No programa sensacional do dia 16 de Agosto figuram as três notaveis cantoras

D. TAGIDE TAVARES, D. CACILDA ORTIGÃO E D. CORINA FREIRE

E O EXIMIO PIANISTA VARELA CID

A Bondade é uma virtude soberana e, como tal, necessita dum diadema que lhe consagre a realeza. Esse diadema é a Arte. Nada como a Arte para coroar a Bondade e nada como a Beleza para enaltecer a Arte.

O grande concerto de orquestra sinfonica que se realiza no dia 16 do corrente no Coliseu dos Recreios, gentilmente cedido pelo seu empresario, o nosso amigo sr. Ricardo Covões, é uma festa artistica de incontestavel relevo que tem a acompanhar os ilustres maestros Fernandes Fão, Rui Coelho, Pedro Blanch e Francisco de Lacerda, o concurso do distinto pianista Varela Cid.

D. Tagide Tavares

D. Cacilda Ortigão

Varela Cid

D. Corina Freire

Não faltará, porém, a Beleza dando a mão á Arte, em beneficio da Caridade. Três das nossas maiores cantoras: Tagide Tavares, Cacilda Ortigão e Corina Freire darão á festa o encanto da sua presença e os acordes maviosos da sua voz. Consubstanciam em si a Bondade, a Arte e a Beleza, prestando com esta trilogia sublime o mais belo auxilio á iniciativa filantropica do «Diario de Noticias».

Sem a alma da mulher, a apoteose do bem, nunca seria completa. A gentileza do espirito feminino é a suprema expressão de todo o sentir humano. E'-nos indispensavel nas boas e nas más horas, nas lagrimas e nos sorrisos. E a alegria espiritual que oferecemos ao publico na audição da mais bela das artes, que é a musica, destina-se a enxugar as lagrimas de tanto e tanto infortunio!...

Tagide Tavares, Cacilda Ortião e Corina Freire compreenderam o nosso intento. Dão á Arte que coroa a Bondade o efluvio magico da Beleza. Com a sua presença, há-de repetir-se o lendario milagre das rosas, provindo do encanto amparo do desgraçado!

Uma mulher no alvorescer da Renascença fundou a benemerita instituição das Misericordias. Mil louvores lhe tributam a consciencia e a historia. Volvidos seculos, é necessario auxiliar o que, desde o seu inicio, tem prestado tantissimo auxilio a todo o infortunio—e tambem a mulher estende sobre a generosidade duma ideia patriotica a sua mão protectora!

E' caso para lha beijarmos com aquele requinte de grandeza dos saraus manuelinos do Paço da Ribeira...

Da Associação de Classe dos Musicos Portugueses recebemos ontem o seguinte cativante oficio:

A' Comissão das Misericordias.

Com o maior prazer tenho a comunicar a V., que após a troca de impressões havida entre nós sobre a constituição de uma orquestra sinfonica que tomasse parte na grande festa a realizar no dia 16, no Coliseu dos Recreios, em favor das Misericordias, os trabalhos encetados desde logo por esta Associação têm sido até ao presente coroados do maior exito, havendo-nos dado a sua adesão a maioria dos professores de orquestra, a quem nos temos dirigido, pela muita simpatia que lhes merece tão sublime iniciativa.

Julgo, portanto, poder afiançar a V. que o seu interessante objectivo está conseguido, faltando-nos apenas aplanar umas pequenas dificuldades que, como é natural, surgem sempre nestes empreendimentos, as quais, porém, não se me afiguram insuperaveis.

Saude e Fraternidade

Alvaro Rafael de Macedo e Santos

Presidente da Direcção

Reino Unido em mais uma noite de violência

Seis mil polícias mobilizados em mais de 30 localidades, no Reino Unido, ontem à noite, preparavam-se para mais uma noite de tumultos protagonizados pelos grupos de extrema-direita que semeam violência visando principalmente locais de acolhimento de migrantes e quem procura asilo. Ontem contabilizava-se já mais de 100 pessoas formalmente acusadas, após centenas de detenções, nas manifestações que se seguiram ao esfaqueamento de crianças por um jovem em Southport, noroeste de Inglaterra.

SCOTT HEPPELL / AFP

Arábia Saudita condena Israel pela morte de líder do Hamas

TENSÃO Assassinato aconteceu há uma semana e não foi reivindicado, mas o regime iraniano culpa Israel. Netanyahu já prometeu não ficar por aqui.

A Arábia Saudita condenou o assassinato em Teerão, na semana passada, do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, como uma "violação flagrante" da soberania do Irão, no seu primeiro comentário sobre o ataque.

O assassinato de Haniyeh "é uma violação flagrante da soberania, da integridade territorial e da segurança nacional da República Islâmica do Irão (...) e constitui uma ameaça à paz e à segurança regionais", declarou o vice-ministro saudita dos Negócios Estrangeiros, Waleed bin Abdulkarim El-Khereiji, numa reunião da Organização de Cooperação Islâmica, que se realizou ontem.

A Organização de Cooperação Islâmica responsabilizou Israel pelo ataque que matou o líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, na semana passada, no Irão, que prometeu retaliar.

O comunicado emitido após a reunião extraordinária do bloco de 57 membros na cidade costeira saudita de Jeddah afirma que "considera Israel, a potência ocupante ilegal, totalmente responsável por este ataque hediondo", que descreveu como "uma grave violação" da soberania do Irão.

Ontem, Israel prometeu também eliminar o novo líder do Hamas, Yahya Sinwar, que acusa de ser um dos mentores do ataque de 7 de outubro de 2023 que desatou a guerra em Gaza, nomeado após o assassinato do seu antecessor no Irão, o que elevou ainda mais as tensões no Oriente Médio.

O ataque com explosivos que matou Ismail Haniyeh não foi reivindicado, mas o Irão e o movimento islamista palestino Hamas, no poder em Gaza, atribuem a autoria a Israel e prometeram vingança. O primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, afirmou que o seu país está "determinado" a se defender e preparado "tanto defensiva como ofensivamente". O chefe do Estado-Maior General das Forças de Defesa de Israel, general Herzi Halevi, prometeu "encontrar" e eliminar Sinwar. "Vamos esforçar-nos para encontrá-lo, atacá-lo e que seja substituído como chefe do comité político" do Hamas, disse Halevi. **DN/AFP**

BREVES

Preparavam atentado contra concertos de Taylor Swift

A polícia austríaca anunciou ontem a prisão de indivíduos que planeavam um atentado islamista em Viena, relacionado com os espetáculos a cantora americana Taylor Swift, marcados para esta semana. A cantora cancelou de imediato os três concertos que tinha planeado, para hoje, amanhã e sábado, na capital austríaca. Um cidadão austríaco de 19 anos que "jurou lealdade" ao grupo jihadista Estado Islâmico (EI), foi detido após uma operação especial na Baixa Áustria, perto da capital, declarou numa conferência de imprensa o diretor-geral de Segurança Pública, Franz Ruf. "Descobrimos ações preparatórias focadas nos concertos de Taylor Swift em Viena", acrescentou, especificando que foram apreendidas "substâncias químicas" na residência do suspeito. Outra pessoa, um cúmplice, também foi presa em Viena. Os dois tinham-se "radicalizado na internet", de acordo com os primeiros dados divulgados pela investigação. A polícia reforçará a segurança nos próximos dias. Eram esperados cerca de 65 000 espetadores em cada um dos concertos.

Ana Valente é a nova presidente da CNPDPCJ

Ana Valente é a nova presidente da Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (CNPDPCJ), sucedendo a Rosário Farmhouse, que cessou funções em julho, anunciou ontem o Governo. A nova presidente da CNPDPCJ, que inicia funções hoje, foi responsável pelo acompanhamento e avaliação das políticas sociais do município de Sintra, onde era vereadora desde 2017, refere o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social em comunicado. Exercia igualmente funções na Direção de Serviços de Consultadoria Jurídica e Contencioso da Autoridade Tributária e Aduaneira, "intervindo como mandatária do Estado em processos judiciais". Ana Valente foi nomeada pela ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Rosário Palma Ramalho, após requerimento de cessação da comissão de serviço de Rosário Farmhouse.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt